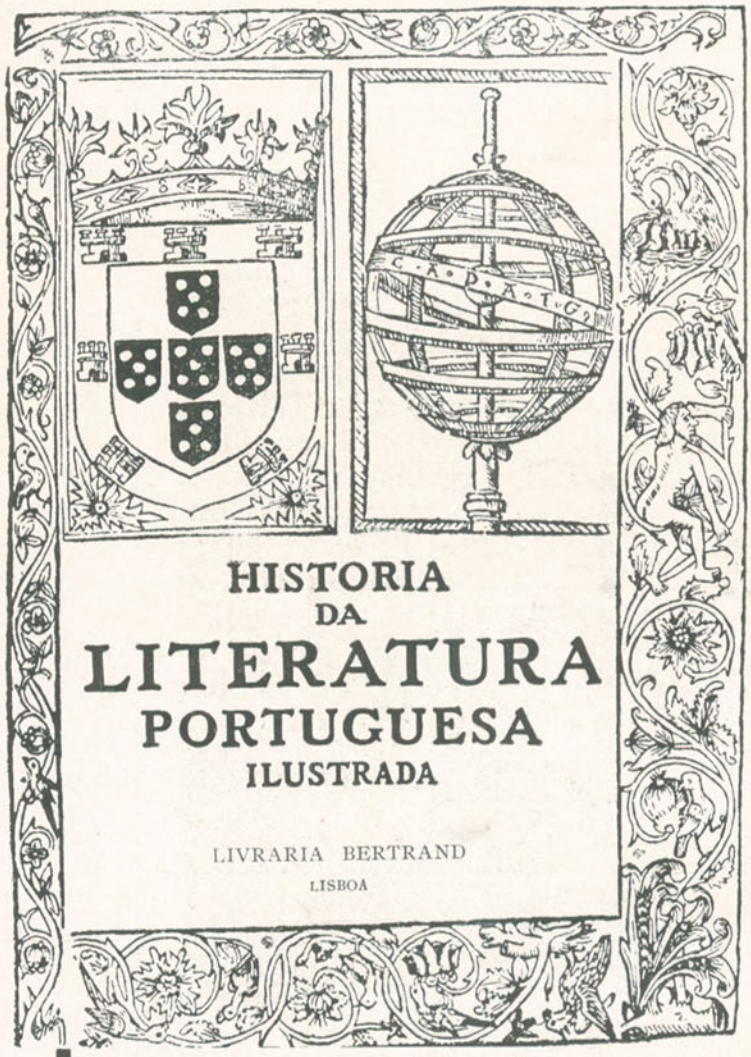
ILUSTRAÇAO

1 - Junho - 1932 N.º 11 — 7.º Ano Preço - 5 esc.

COLUMBANO — SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

A saír brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00

	REGISTADO		
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da Rèpública.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUIRÓS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 × 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS, ÓTIMO PAPEL COUCHÉ, MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

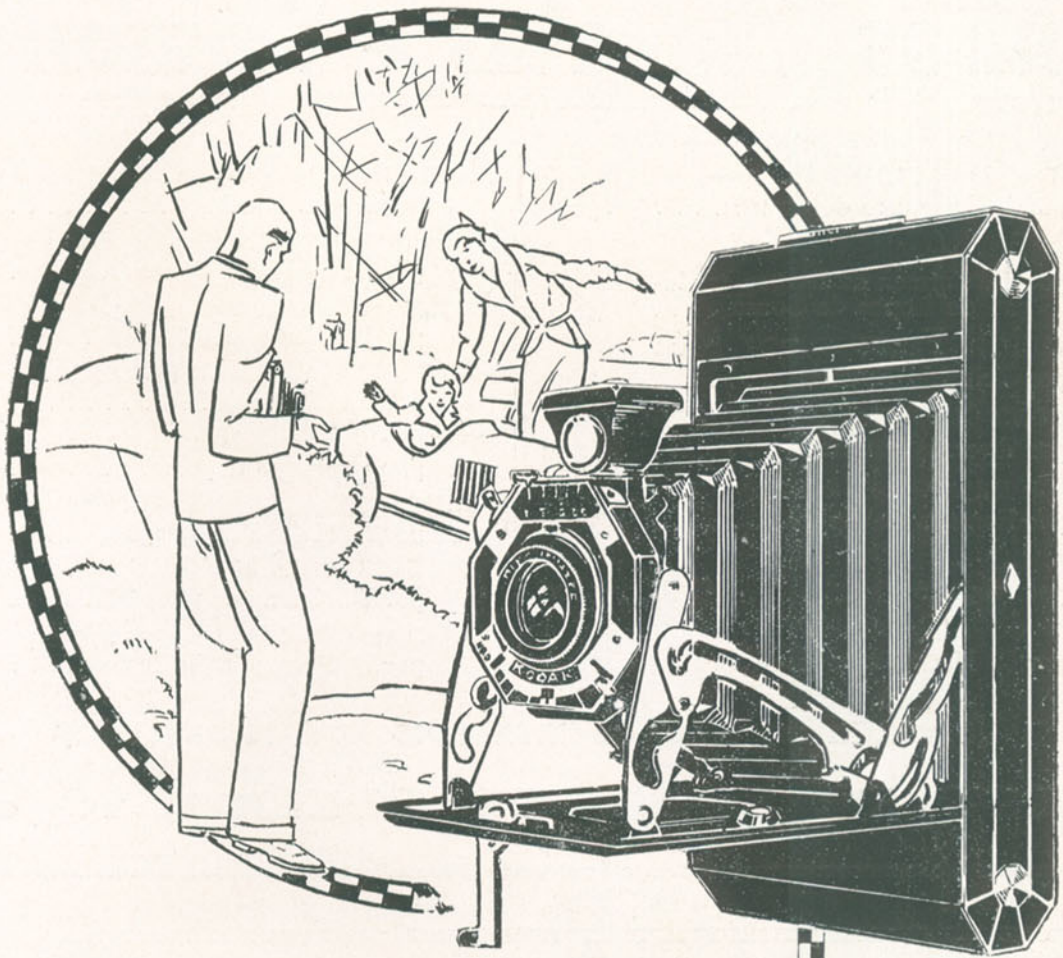
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reüne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilinea das suas linhas, na sobria originalidade das suas decorações

Mas o «Kodak» Six-20 é tambem moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admiravel simplicidade de manejo.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum »Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

"Kodak" Six-20

De manhã... ou á tarde...
Com sol... ou á sombra...
Mesmo em dias de chuva...

use **Pelicula Verichrome**

Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O)
por Dr. Augusto de Castro . . . . 15$00

Art.º 438.º (O)
por D. Carmen de Burgos, tradução de Lopes de Sousa . . . . 3$00

Cinco Mil Francos por Mês
por Reinaldo Ferreira. . . . . 3$00

Colecção "Diário de Notícias"
por diversos autores. . . . . 7$50

Drama na Sombra (O)
por Ferreira de Castro . . . . . 3$00

Ele e Eu
por Augusto Pinto . . . . . 5$00

Fumo dos Casais
por D. Maria da Nobrega . . . . . 10$00

Homem dos Dois Corações (O)
por Rocha Martins . . . . . 3$00

Matou por Amor (A que)
por D. Emilia de Sousa Costa . . . 3$00

Minha Mulher
por W. Fernandes Flores. . . . . 3$00

Mort de D. Juan (La)
por Paulo Osório . . . . . 8$00

Noite de Núpcias
por Lourenço Cayola . . . . . 3$00

Ruínas
por D. Helena de Aragão. . . . . 8$00

Sombras e Claridades
por D. Helena de Aragão. . . . . 8$00

Veneno do Sol (O)
por D. Fernanda de Castro. . . . 10$00

À venda na filial do DIÁRIO DE NOTÍCIAS

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por **D. FERNANDA DE CASTRO**

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplendido teatro infantil

1.º — *O Tesouro da Casa Amarela*
2.º — *As Borbuletas e o Bicho de Seda*
3.º — *O Az dos Caçadores*
4.º — *A Recompensa*
5.º — *O Estrangeiro e o Portuguesinho*

PREÇO: 5$00

Á venda na filial do "Diario de Noticias"
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11
e em todas as livrarias

Novidade Sensacional

Com o PENTE ONDULADOR transformo os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida ! !

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e seccam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda bémida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. *Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cêrca de 10 a 15 vezes, e assim se obtem uma linda ondulação para sempre.*

Preço Esc. 15$00

Exclusivo de venda: ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA **M.me CAMPOS** Av. da Liberdade, 35—LISBOA

Fóra com as dôres!

CAFIASPIRINA

livra de dôres e restabelece o bem estar.

Este medicamento é realmente bom, antes de mais nada pela ausencia de efeitos secundarios!

Não prejudica o coração nem os rins!

Desinfecte e perfume a sua casa com Sapoforme

A' venda em todas as boas drogarias

Exemplares da

Ilustração n.º 96

Compram-se na administração desta Revista

Rua Anchieta, 31-1.º

UMA BELLA LINHA DE SAUDE

Vós tendes uma excelente saude. Desconfiei portanto das pequenas doenças que degeram depressa em graves enfermidades. As vossas digestões são pesadas, o vosso figado preguiçoso, o vosso intestino é rebelde? Não espereis um só instante para começar a tratar a vossa linha de saude. Velai por ela. Tomai regularmente Eno's "Fruit Salt", que é um po efervescente, sem assucar, sem sal mineral purgativo, Eno poe-nos ao abrigo das caimbras, nauseas, peso no estomago, vertigens, enxaquecas e da horrivel prisão de ventre e da'-vos o meio mais eficaz de poderdes guardar durante longos anos, saude, felicidade, actividade.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã, e á noite.

SAL DE FRUCTA **ENO** "FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Cº, Ltd.**
8, Caes do Sodré, LISBOA.

ROBBIALAC

ESMALTE DE SECA RAPIDA

Mobilia De Verga E De Jardim

As cadeiras e as mezas em verga, especialmente quando usadas nos jardins ou varandas, deterioram-se muito facilmente desde que não estejam bem protegidas.

Esta proteção é porem facilima de obter cobrindo estes moveis com uma demão de ROBBIALAC DE SECA RAPIDA, pois este Esmalte escorre como um crême e os vestigios da trincha desapparecem á medida que se vae pintando.

Quando V. Exa estiver a trabalhar sobre moveis de jardim não perca a opportunidade de empregar os tons mais alegres e brilhantes do ROBBIALAC.

O ROBBIALAC seca rapidamente, é um Esmalte á prova da agua e do tempo, não estala, não empola, não greta.

É fornecido pelo seu droguista em branco, preto e varias lindas côres.

SOCIEDADE ROBBIALAC LIMITADA,
Rua Novado Carvalho, 15, 1º LISBOA

FRIGIDAIRE

The QUIET Automatic Refrigerator

FRIGIDAIRE

Representa o que de mais prático, seguro, eficiente e economico actualmente se oferece em matéria de refrigeração automática para o lar moderno, com uma magnificencia inconfundivel.

Armarios de aço esmaltados a porcelana branca, com interiores à prova de ácido, durabilidade extrema, amplo espaço para armazenagem e prateleiras permitindo guardar-se fàcilmente grande quantidade de alimentos.

O «**acelerador de frio**» e o «**hydrator**» de que vão munidos os armarios são duas caracteristicas de inextimavel valor, que completam a eficiencia de «FRIGIDAIRE».

O «**acelerador de frio**», patente «FRIGIDAIRE», é um dispositivo especial que abrevia a fabricação dos cubitos de gelo, ou a confecção duma salada ou sobremeza gelada. Vai colocado no exterior do armario numa posição muito comoda e acessivel.

O «**hydrator**» «FRIGIDAIRE», é um compartimento especial em que se conserva um ar humido e frio e dentro do qual as fructas, legumes e vegetais manteem a sua suculencia e a sua frescura primitiva.

As gavetas denominadas de «**gelo-rápido**» de que estão equipados alguns do novos modelos promovem a fabricação instantânea de blocos de gelo.

«FRIGIDAIRE» não requer instalação especial bastando uma simples tomada de corrente para o seu funcionamento.

Peçam as nossas listas de referencias

Secção Técnica especialisada em refrigeração comercial e industrial para todos os fins

CONSULTAS E ORÇAMENTOS GRATIS

Equipamentos especiais de refrigeração para talhos, hoteis, restaurantes, cafés, bars, cervejarias pastelarias, manteigarias, fabricas de chocolate, padarias, laboratorios, peixarias, fabricas de gelo, etc.

AGENTES DISTRIBUIDORES E DEPOSITARIOS:

DINIZ M. D'ALMEIDA
206, Avenida da Liberdade, 218
(Stand BUICK)
LISBOA

CUNHAS & ALMEIDA, L.DA
71, Avenida dos Aliados, 81
PORTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT 73 E 75 — LISBOA

N.º 11 — 7.º ANO

1-JUNHO-1932

O Professor Dr. Augusto d'Almeida Monjardino, a cuja dedicação e pertinácia se deve, principalmente, a conclusão da grandiosa obra denominada «Maternidade Alfredo Costa»

Crónica da Quinzena

Desde que no local se enterraram as primeiras pedras, vão passados bons trinta anos. Destinava-se o edifício a culto, ou louvor da maternidade, não a dêste mundo vulgar que nos deu o sêr, sim uma outra deshumanisada, símbolo da vida espiritual, isenta da condição imposta à criatura.

Entretanto ocorreu um grave dissídio político que alterou os conceitos de sentimento universal e sua representação exterior. E assim foi que onde se pretendia honrar um princípio abstracto, a maternidade mística, veio a instituïr-se a salvaguarda e apoio da mãi procriadora segundo a lei natural.

Não demorou a resolver a mudança do ocupante. A dificuldade apareceu quando se cuidou de traduzir a ideia em pedra e cal.

Lisboa, capital de um reino pobre, pediu ao novo regime a obra mágica de dotá-la com os aprestes essenciais às grandes urbes civilizadas. Sem palácio de justiça, sem correio geral em casa própria, sem museus, nem institutos, em moradia condigna, mesquinha em hospitais, em assistência, pedira-se que por brio nacional se construisse de pronto o que faltava.

Na hora do noivado com a nova era, nenhum dos que a representavam regateou promessas. A acreditar nos votos, breve a capital se transformaria, apresentando a configuração e órgãos encontrados nas de semelhante título através da Europa. No céu de tão pura côr que a distingue, os zimbórios, altos terraços, fachadas monumentais não tardariam a recortar-se para calar o transeunte estranho, acostumado a deprimir o seu insignificante porte.

Entre as ricas prendas prometidas andava a grande Maternidade, vistosa, imponente que significaria o tributo de respeito à mulher fecunda que sofre para perpetuar a raça, com todos os valores supremos nela contidos, tais o nome, a língua, o carácter.

Nada de estranhar que em paridade com o Palácio da Justiça, e outros de significado idêntico, se considerasse urgente abrir uma maternidade, a primeira, no país onde nenhuma existia.

Sôbre os bons propósitos formulados decorreram vinte e um anos e de quanto se desejara, de tantos e tão vastos edifícios, nem uma pedra se assentou. Só a Maternidade saiu do chão, se ergueu e vive, melhor do que a sonhara o mestre saüdoso de quem ostenta o nome.

Como se entende êsse prodígio da cumieira única levantada, entre tantas que se ambicionaram?

O explicativo fácil e corrente em factos desta qualidade, aqui aparece pronto. Encontrou-se um homem. E, como bem se sabe, um homem basta quando é o homem, o próprio, o indispensável, o insubstituível; quer dizer, quando na verdade se descobre o possuidor da ideia e o amoroso da obra, o pensamento nítido e a acção pronta.

Êstes predicados reduzidos a corpo com cabeça e braços, no caso aqui sujeito, conhecem-se pelo nome de Prof. Augusto Monjardino, princípio, meio e fim do notável acontecimento em marcha, da abertura e entrada em função do instituto de assistência, que se fica chamando Maternidade Alfredo Costa.

Foi aquele homem calmo de atitude, paciente a preparar-se, insinuante a convencer, rápido a cumprir, que depois de com êsses dotes compulsar o esfôrço, medi-lo imenso, não temeu executá-lo. Durante vinte anos consumiu tenacidade, resignação, fé, sem duvidar do êxito final agora obtido. O que a outros se apresentaria aventura, ou plano de louco, de cada dia recomeçar o trabalho de persuadir o novo ministro na véspera substituido, aceitou-o como normal e lógico dentro da singularidade dos tempos, assim colhendo ânimo para prosseguir. Aspergindo de bom humor a ironia da tarefa que comparava à do guarda repetidor de cantilena em museu histórico, viu passar os anos sem temer que o estabelecimento viesse a inaugurar-se depois de velho e caído em desuso.

Tal não aconteceu. Idosas as paredes, bastante desfeadas pelos anos, talvez se possa dizer. Em quatro lustros o gôsto mudou que se fartou e a fachada hirta, sêca, ganharia se nesta hora a riscassem. O fado mandou o contrário. Dentro do que pouco a pouco se edificara, teve de acomodar-se o conteúdo na hora imprópria escolhido.

Ah! mas êsse! Quem o vê, não deixa de exprimir o assombro ao mirar dentro do envólucro de molde antigo, a pura arte moderna, adequada ao motivo. Século passado por fora, 1932 por dentro, a era de hoje traduzida no estilo gracioso, de tom acolhedor, reconhece-se desde o átrio, a escada, os corredores, depois os compartimentos, o mobiliário, os utensílios, os pormenores decorativos de qualquer recanto.

Ninguém ignora que a época estúpida das superfícies áridas, das côres cruas, da nudez agressiva, peculiares a um furor higiénico que acometeu a geração anterior, desapareceu dos costumes hospitalares. Sucedeu-lhe um modo de entender mais humano, em que se escolhe, em vez da severidade e secura, a alegria, por todos os meios se procurando ocultar quanto possa lembrar, ou referir a dôr. Nenhum sentido se quer impressionado por sinal que leve a supor um lugar de sofrimento. Nem cheiro, nem som, nem objecto se tolera de significação ligada à doença. Casa acolhedora, amiga de quem entre, agarrando-se a quem sai, que dê vontade de nela permanecer; assim se pede e assim pois o realizou a cabeça que deu à luz a instalação interior da Maternidade.

Gastam-se três horas a percorrê-la com todos os passos que requer. Pois no fim, ao terminar o circuito, dá vontade de repetir, voltando aqui, ali, como ao chegar à última página do livro estimado, se abre e folheia, à procura dos períodos mais impressionantes.

E então uma convicção consoladora se forma e fica. A saber. Já Lisboa possue alguma coisa que pode mostrar aos entendidos e recomendar aos curiosos.

A nossa pobreza não consentia apontar a quem viesse de fora grande lista de raridades dignas de visita. Mencionados os coches antigos, a estufa fria do Parque, os pontos de vista afamados ficava-se gaguejando.

É lícito agora apontar a Maternidade Alfredo Costa ao forasteiro português, ao peninsular e mesmo europeu da mor parte das regiões. E se declará-lo, ou repeti-lo a quantos cheguem de longe, constitue soberba mal cabida em pobres de poucos atavios e pouca roupa que continuaremos sendo, calemo-nos guardando sòmente para nosso uso e regalo o que tanto custou a conseguir. Digamo-lo entre nós, em família, a fim de também num dia raro darmos ao coração, sempre apertado, um consôlo franco. Não seja só dizer, falta-nos tudo o que de excelente a civilização criou. Enfim, temos a Maternidade. Só uma? Sim. Mas essa é uma Maternidade. Mais ainda. Serve de lição experimental para mostrar o que hoje se entende por decôro, arranjo, sentido estético em casas para tratar da saüde.

Sereno, silencioso, de acção quási imponderável foi mestre Augusto Monjardino quem andou, mexeu e remexeu, escolheu e mandou fixar, quanto ali se encontra. O que depois de ementado e somado, junta substância de sobra para concluir que bem mereceu da cidade. Entre arvoredo, no bairro burguês, banhado de sol, explende a pousada onde as pobres sobrecarregadas pela graça que as visitou, receberão acolhimento bondoso. Tudo calhou em novidade, ao jeito da primavera, nesta obra, por dentro, por fora e na proximidade. Para complemento só lhe faltava que perto cantassem os rouxinois. Não foi possível. Em compensação ouviu-se o cuco, repisar o trilo. Ainda bem.

A Lisboa luminosa, de primavera perpétua, ficaria insípida sem a nota alegre de uma garganta de ave entre a ramalheira. E o canto do troca-ninhos em qualquer tempo sugere frescura e quadra ao elogio da vida que ali se iniciará em cada instante.

Samuel Maia.

UM "SOL DO OCIDENTE"

ANTÓNIO DE LISBOA
SANTO DE TODO O MUNDO

«Em Portugal — o mais ocidental país do Velho Continente — ergue-se, quási na foz do Tejo, a cidade de Lisboa — coroada cabeça de vitoriosa Nação, esclarecida corôa de dilatado Império — em cuja especiosa baía o mar começa rio, o rio acaba Oceano; fundação antiga que, com as ruinas de Troia, mede seus fundamentos, pois a mesma mão que, em Ásia, deixou o reino troiano, holocáusto a Belona, em Europa, levantou Lisboa, templo a Minerva; se não é que primeira glória, mais que nas cinzas do Pregamo, encanece seus princípios nas águas do Dilúvio, dando-lhe Elisa, com o nome, a fundação de Elisea; famosa, não tanto pelo templo que, à sua Deusa, edificou facundo grego, quanto pela casa que, ao seu Santo, consagrou piedoso monarca; célebre, não tanto por seu valoroso fundador, Ulísses, quanto por seu ilustre natural, António...

«...É Lisboa, aquela preclara e augusta Cidade do Mundo — se bem mais parece ela, Mundo, que Cidade — a cuja superior grandeza ficam: Babilónia, confusa; Paris, parada; Veneza, vendida; Madrid, uma vila; Roma, um remedo; Nápoles, um nada; por ser, mais que Nápoles, linda, mais que Roma, grave, mais que Madrid, freqüente, mais que Veneza, vistosa, mais que Paris, soberba, mais que Babilónia, imensa; Cidade, enfim, uma que é duas, e duas que poderão ser mais, pois contando precisas aritméticas de duplicada, chegou a numerar magníficas ampliações de dividida...

«...Lisboa é a só do Mundo; por isso, pode ser duas em si só. Seu monarca, por Magnânimo, manda dois Mundos, com o seu avassalante Império; que muito, logo, que ocupe duas Cidades, seu excelso trono?...

«...O que vai do Ocidente a Oriente, é feudo desta Cidade grande; então, porque não deveria ser ocidental e oriental, o cognomento desta grande Cidade?...

«...António, filho de Lisboa, foi milagre da Graça, e multiplicou-se em Lisboa e Pádua. Lisboa, mãi de António, é milagre do Mundo, e divide-se em Lisboa e Lisboa.

«...Oh sempre misteriosa reprodução! Quem visse António, em Pádua, prègando aos vivos, havia de dizer que era Santo António de Lisboa; e quem, ao mesmo tempo, o visse em Lisboa, obrigando a falar os mortos, havia de jurar que era Santo António de Pádua. Pois, para que o Mundo não duvide que é António de Lisboa, todo saiba que há duas Lisboas no Mundo, se acaso, no Mundo, aparecerem dois Antónios!»

E foi com êste fiel retrato de Lisboa, descrito por Frei Braz Luís de Abreu, que, mais uma vez, se provou ser Santo António, ínclito luminar da igreja, um Sol do Ocidente nascido na nossa Lusíada Terra.

Vera effigies Sancti Antony Lisbonensis in Ecclesia Lusitanorum Romæ

* * *

A 15 de Agôsto de 1195, governando o bom Povo Português, D. Sancho, primeiro de nome e segundo de Rei, nasceu na mui nobre e leal Cidade de Lisboa, numa ladeirenta corredoura, lá para as bandas das Portas de Ferro ou Arco da Consolação, um robusto rapazinho, fruto ambicionado de respeitoso matrimónio.

Não era, porém, o recem-nascido, vergôntea de arraia ou igualha miúda, mas sim um tronco heráldino de gente de algo, em que corria o mais generoso sangue de ilustres linhagens de Portugal, Espanha, França e Alemanha, pois que seu pai, Martim de Bulhões, que fôra Miles — equivalência de Conde — da Côrte de D. Afonso Henriques, descendia de Godefroy de Bouillon, Duque de Lorena e Rei de Jerusalém, usando, por brazão, um escudo de campo de prata gravado de uma cruz vermelha rematada, nos braços, por três bolotas; e sua mãi, D. Maria Tereja Taveira, que era Senhora de grandes virtudes, descendia do Rei D. Fruela, das Astúrias, pai de Afonso, o «Casto», trazendo a sua casa, por timbre, umas armas em campo de ouro, com cinco estrêlas de cinco pontas.

Abeirado das casas em que residiam êstes grandes fidalgos, já existia um vernáculo templo que houvera sido a Mesquita-Maior dos mouros, e que fôra convertida ao culto cristão, pelo Bispo D. Gilberto, ilustre cruzado de nação inglesa, que, com muitos dos seus valorosos patrícios, ajudou a conquistar Lisboa aos sarracenos, atribuindo-se a sua fundação a Santa Helena, que a erigira à maneira da famosa Catedral de Santa Sofia, que, seu filho, o Imperador Constantino, havia erguido na antiga Bisâncio.

Foi nêsse templo que, o nosso Rei primeiro dedicou a Santa Maria, e que, além de Basílica Metropolitana, é hoje, a Sé Patriarcal, que, amadrinhado por Avé-Maria, se baptisou o predestinado neófito, recebendo o nome de Fernão ou Fernando; e êste acto tão querido aos lisboetas, foi perpetuado pelos nossos antepassados, com uma lápide que afixaram sôbre a pia baptismal, e na qual se lê a seguinte inscrição latínica:

«Hic sacris lustratus aquis Antonius orbem
Luce beat Paduam corpore, mente Polus.»

Fernando, depois de, como era de uso nos filhos dos nobres, haver sido menino de côro nêsse mesmo templo, chegado que foi às suas quinze primaveras, desprendendo-se dos carinhos do lar paterno e dos prazeres do Mundo, vestiu o hábito

LISBOA, CIDADE NATAL DE SANTO ANTÓNIO (SÉCULO XVI)

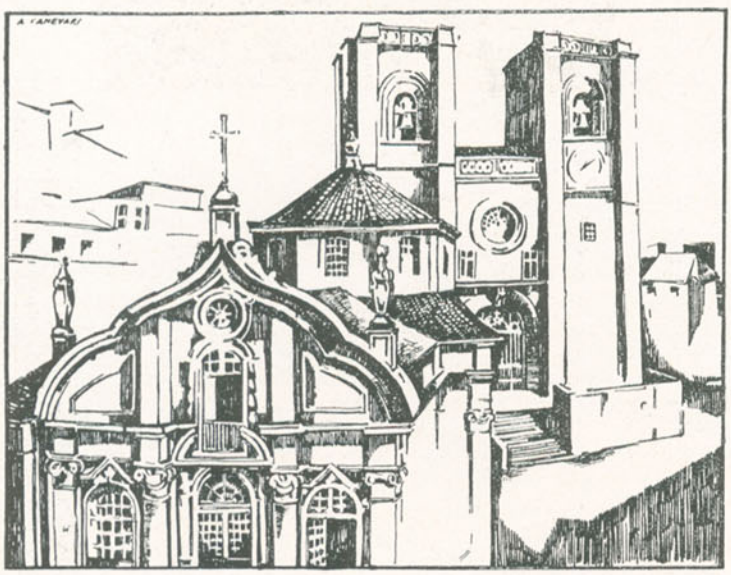
canónico de Santo Agostinho, e enclausurou-se no Convento de S. Vicente que, fora da Cidade, D. Afonso Henriques fundara para nêle se sepultarem os batalhadores que primeiro entraram na Almedina de Lisboa, e que consagrou a êsse martirizado Santo — esplendor de Huesca, nas luzes do seu Oriente; glória de Saragoça, nas palmas do seu apostolado; triunfo de Valência, na grandeza do seu martírio; brazão de Lisboa, nas cinzas do seu Ocáso.

Dêste Convento histórico, se transferiu Frei Fernando de Bulhões e Taveira, para o Real Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, onde se sepultam os dois primeiros Reis de Portugal, e que era cabeça da mesma Ordem dos cónegos regrantes Agostinhos. Foi aí que, depois de lhe haver sido concedido pelo Prelado, o trocar a confortante murça de Agostinho, pelo saial de pardo burel, de humilde Franciscano, ao vê-lo ir-se para a suburbana Recoleta de Santo Antão, um conventual lhe disse, em ar de remoque: «Vai-te, vai-te, que lá, porventura, serás santo...», ao que Frei Fernando respondeu: «Quando ouvirdes que sou santo, irmão, louvai-o a Deus!»

Nesta seráfica Tebáida de Santo Antão, que, dos Olivais lhe chamaram, por haver sido rodeada dessas prateadas árvores, cujos ramos, desde o Dilúvio Universal, simbolizam a Paz Humana, foi que Fernando trocou êste nome baptismal, pelo de António, o qual, mais tarde, santificado, havia também de crismar êsse eremitério do saüdoso campo do Mondego.

Foi desta sacratíssima Casa, que António veio à sua Lisboa, com o fim de embarcar para Marrocos, de onde, depois, doente, tentou voltar à Pátria, não tendo, porém, conseguido efectivar o seu desígnio, por a tormenta e o Destino terem levado a sua barca até ao pôrto de salvamento da religiosa Ilha da Sicília, em que veio a fundar três devotos conventos.

Alguns tempos antes de Frei António ter empreendido essa viagem, enviara El-Rei D. Afonso II, ao Pontífice Inocêncio III, por môr de resolver litígios de família, D. Soeiro Viegas, sagrado Bispo de Lisboa, à mesma data em que o Thaumaturgo se noviciara em S. Vicente; e havendo êste sábio Prelado convivido com a Cúria Apostólica e com os eminentes religiososo que a Igreja reconhece por S. Domingos, S. Francisco e S. Boaventura, dêles tornou notórias as virtudes raras, as acções de prodígio e a eloqüência do verbo da palavra, que floresciam em tão invicto Português.



A IGREJA DE SANTO ANTÓNIO, ONDE EXISTE O APOSENTO EM QUE NASCEU ÊSTE TAUMATURGO. EM SEGUNDO PLANO, A SÉ PATRIARCAL, NA QUAL FOI BAPTIZADO

Por isso, a sua reputação de letrado, de virtuoso e de divino, estava já feita, quando, lendo, sapientemente, Teologia, passou como um fulgurante meteoro, pelas afamadas cátedras de Toulouse, Montpellier, Bolonha, Pádua, e por tantas cidades da França e da Itália, em que Minerva tinha respeitado assento.

O Pontífice Gregório IX, chamava-lhe «o tesouro das letras sagradas». Labbé, no tratado de «Escriptores Eclesiasticos», diz «haver ele composto muitos magnificos sermões, deixando no valioso espólio das suas obras, uma mystica exposição da «Sagrada Escriptura». O insigne Manuel de Faria e Sousa, legou-nos, da sua inconfundível personalidade, êste bocadinho de oiro: «Resplandeció en santidade y letras, el grande Portuguez Antonio, luz de la Iglesia Universal, honor de las Hispanias, aquien los Pontifices de su edad, llamaram el Arca del Testamiento. Mas dignamente contará su vida, el silencio, á falta de algun espiritu Divino».

Muitos são os casos sobrenaturais que a lenda lhe atribui: — Em Rimini, a cidade célebre da Província de Romania, o de converter o sanguinário General Ezzelino, prègando, na presença do seu sismático exército, aos irracionais peixinhos; em Toulouse, terra letrada da França, o de convencer o herético sábio Guialdo, fazendo, à sua vista, respeitar a Eucaristia, uma esfaimada muar que, recusando a ração oferecida, venerou a sagrada hóstia; em Pádua, antigo domínio dos Doges, o de, por manifestação de ubiguidade, causar o profundo assombro dos fieis, que viram ficar, extática, no púlpito, a sua empolgante figura, enquanto, em Lisboa, fazendo falar um morto, salvava do cadafalso, seu próprio pai, acusado, inocentemente, de um crime que, por rixas de amor, um fidalgo, seu visinho, havia cometido a ocultas.

No fim de tanto ter honrado a sua Pátria, e haver vivido quinze anos em casa de seus pais, onze na Religião Canónica

GODEFROY DE BOUILLON, DUQUE DE LORENA E REI DE JERUSALEM, UM DOS AVÓS DO SANTO PORTUGUÊS

(Gravura do século XVI)

Augustina, e pouco mais de dez, na Seráfica Franciscana, restituïu a sua alma ao Criador, no sagrado Oratório de Ara-Coelli, a 13 de Junho de 1231, de onde, após controvérsias dos Paduanos, foi trasladado com tôda a pompa, para o Convento Franciscano de Santa Maria, em Pádua, em que foi conservado até à conclusão da formosa Basílica que lhe foi dedicada pela gente de Pádua, e na qual hoje se encontra, sepultado no riquíssimo sarcófago de prata, incrustado de pedras preciosas, que o Cardeal Guido de Santa Cecília, lhe ofereceu.

No zénit do sol do dia 30 de Maio de 1231, foi a população de Lisboa alvorotada pelos toques dos sinos dos campanários de tôdas as igrejas da cidade, os quais, sem indústria nem impulso humano, se ouviam repicar festivamente — como um sinal do Céu, a anunciar coisa grata aos seus corações fiéis — ; e, pelo visto, não se enganavam, como se depreende desta velha descrição de D. Nicolau de Santa Maria, cronista da Congregação Augustiana: «Não podendo atinar a gente da Cidade de Lisboa, qual fôsse a causa de tão extraordinário milagre, como o de se repicarem os sinos, sem se vêr quem os repicava, se vieram os principaes do Governo da Cidade, a este Mosteiro de S. Vicente, a consultar o Santo Prior D. Gonçalo Mendes, que era o oráculo daquela edade, e, entrando pelo Mosteiro, foram dar com o Santo Prior, no côro, posto de joelhos, em oração, todo enlevado a Deus, com os olhos arrazados em lagrimas, sem dar fé dos que o buscavam, até que, chegando-se o Padre Porteiro a ele, e puxando-lhe pelo hábito, o fez advertir dos que o buscavam, e sabendo d'eles o a que vinham, banhado todo em alegria da alma, lhes respondeu: «Dêmos, todos, muitas graças a Deus, pois foi servido que esta Cidade, por Patria de Antonio, festejasse a hora da sua Canonisação, que hoje fez o Papa Gregorio IX, na Cathedral de Espoleto.»

Não julguem, porém, que só os Paduanos levantaram Casa digna, ao Igrégio Santo. Nada se diz já, daquele cómodo Convento de Santo António dos Capuchos, de religiosos Franciscanos, fundado em Lisboa, no ano de 1570, nem mesmo dêsse magestoso Real Mosteiro de Santo António, da Vila de Mafra, obra bem portentosa do Rei Magnânimo que, havendo doado tanta coisa para o culto do Santo, na sua Pátria, não se olvidou de oferendar tôda a prata precisa, primorosamente lavrada em Nápoles, para os altares da Igreja Nacional de Santo António, de Roma.

Será bastante, dizer alguma coisa daquela maravilha que existiu junto ao Real Senado da Cidade, no local onde, depois do derrubador terremoto de 1755,

O PAPA GREGÓRIO IX QUE CANONIZOU O «SANTO»

(Quadro de Rafael)

D. Pedro III e sua consorte D. Maria I, edificaram a modesta igreja que hoje vemos.

Fôra ordenada a sua execução, pelo muito alto e muito poderoso rei D. João II, que, em testamento, deixara recomendado que se fizesse no mesmo lugar e sítio onde, a Deus Nosso Senhor aprouve trazer à luz do Mundo, o nosso Bem-aventurado Santo António, para o que legara mil justos de oiro, por querer que tudo se executasse com igual fábrica, no gôsto e na riqueza, cláusulas que foram fielmente cumpridas pelo Venturoso Rei das Descobertas, D. Manuel I.

Nêsse magnífico templo, do mais puro gótico-manuelino, em que se ostentava a histórica porta de bronze que D. Afonso V, o *Africano*, trouxera da conquista de Tânger, via-se, num rótulo adornado dos emblemas régios que eram, então, a esfera armilar e a Cruz de Cristo, e que servia de grinalda ao arco da entrada principal, esculpidas umas letras de pedra, figurando caprichosos troncos de árvore, com as quais se lia:

«Joannes II. Emmanuel I Reges hoc opus construxerunt.»

Se, por fora, era de arquitectura singular, por dentro era de decoração aparatosa, pois que, todo êle se enfeitava de riquíssimos retábulos em que se viam, excelentemente pintados, além dos grandes milagres do Santo casamenteiro e deparador das coisas perdidas, as figuras de alguns dos Santos naturais desta mui fidalga Nação. Era, pelos modos, um templo todo cozido em fino doirado, lavrado de várias flores e lustrosos remates.

No altar-maior, de bem custoso oiro, sempre alumiado por cinco riquíssimas alâmpadas de prata, expunha-se a imagem do Santo, a mais bela entre as trezentas e tantas que se veneravam nos templos desta ínclita Cidade.

O estimável tesouro dessa Casa, além de muitas outras relíquias, guardava, em rico cofre de prata doirada, um pedaço de casco, ainda com cabelo, da corôa do nosso Santo António, que D. Pedro, o de Alfarrobeira, houvera alcançado em Pádua; assim como um seu dêdo, embutido numa valiosa custódia de oiro, o qual, obtido na República de Veneza, veio pessoalmente trazê-lo a êsse templo, a Raínha D. Margarida, de Áustria, mulher de Filipe III.

Com o cataclismo de 55, tôda essa maravilha se perdeu, mas — oh graça Divina! — a voragem, o fôgo, a derrocada e a heresia, pouparam o que de mais estima e aprêço era para os altacinhas: a imagem sagrada e o lar natal do Beato António, «Il Santo dei miracoli», «lume de Itália» e «decoro di Lusitania». Sim; dêsse António de Lisboa que, mais ainda do que em Pádua, jaz no coração dos Portugueses!

E. Raposo Botelho.

CONVERSÃO DO SÁBIO GUIALDO POR SANTO ANTÓNIO

(Do livro de Horas de Ana da Bretanha)

UM CEGO LUMINOSO

Nesta hora de desalento e negação, apetece falar dos fortes e sugestivos varões que se ilustraram lutando e construindo. E nenhum mais representativo dessa ala de paladinos do que António Feliciano de Castilho.

— Era mais do que poeta o cego Castilho? — preguntar-se-hão talvez quantos não privem de perto com a biografia edificante do autor das *Cartas de Eco* e *Narciso*.

Perdão. Não podemos preguntar — era poeta? Devemos preguntar — é poeta? Porque os grandes homens, escritores ou músicos, artistas ou sábios, estão sempre no presente, estão sempre vivos. Morre e reverte ao passado o que não presta, a carcassa envolvente, a carne e o ôsso. A chama divina do espírito, encarnada na obra que os personalisa, essência imortal, essa fica a arder no tempo e no espaço, pelos séculos fora, como no céu as estrêlas. E o vulto plutarquiano de quem vou ocupar-me é um dêsses grandes homens.

— Quem é, pois, António Feliciano de Castilho?

É um dos cegos que mais luz têm difundido no mundo a favor dos videntes.

Por isso, a sua veneranda cabeça de patriarca inspirado, fica bem na família dos cegos ilustres, dos cegos sublimes, dos cegos luminosos — que se estende ao longo dos séculos e das gerações ,orgulhosa de contar na sua árvore genealógica rebentos gloriosos das dimensões de Homero, um dos maiores da Humanidade, de Milton, um dos grandes de todos os tempos, de Edison, o inventor que encegueceu em anos adultos e na cegueira completou a sua obra resplandecente de sol.

Poeta humanista, teria sido simultâneamente um extraordinário escultor se a vista lhe ajudasse o engenho das mãos. Aos dez anos modelava em barro tão impressionantes esbocetos de figura humana — guardada na memória do breve espaço da vida dos seus olhos — que mestre Machado de Castro classificou de notável o seu instinto para a escultura.

Não são estas, no entanto, embora de alto relêvo, as linhas másculas do perfil intelectual que nesta hora convém assinalar. Ao Castilho poeta, ao Castilho humanista, anteponho o Castilho educador, o Castilho apóstolo — para revelar aos que vêm, através da acção dinâmica dum cego, a realidade objectiva do velho adágio que nos diz que — «querer é poder».

Castilho encegueceu dos 5 para os 6 anos, por efeito dum sarampo recolhido. Nessa idade sabia já lêr e escrever.

Seu pai, médico do Paço Real e professor na Universidade de Coimbra, por causa da cegueira destinava-o à vida reservada e calma da família.

O pequenino cego tinha mais dois irmãos. Pouco depois da desgraça ocorrida ao futuro poeta, os irmãos matriculavam-se na aula de latim — no seu tempo, 1806, princípio e base de todo o saber oficial.

Iniciou-os no conhecimento do latim o Padre-Mestre José Peixoto.

Quando os irmãos de Castilho, de regresso a casa, entraram a estudar a sua primeira declinação, cantando-a em côro, segundo o uso em vigôr, o cèguinho, que tinha o ouvido àlerta para quantos ruídos pudessem quebrar a monótona marcha dos seus negros dias, pôs-se a escutar, atento, aquela desconhecida e bárbara música coral. Os irmãos a concluirem o estudo da lição, e êle, do seu posto, risonhamente, a repeti-la, caso por caso, palavra por palavra. E porque achara curioso êsse entretenimento para o seu espírito, consegue que seu pai, por piedade, consinta que acompanhe os irmãos à aula. E porque assiste às lições na ânsia de dilatar o mundo estreito em que a cegueira o confinara, e ainda porque o Senhor o dotara de prodigiosa memória, dentro em breve o severo Padre-Mestre José do Vale proclama-o o melhor dos seus alunos.

Reconhceida a possibilidade de lhe abrir caminho na vida ao lado dos videntes, matricula-se nas diversas disciplinas que constituem o curso secundário. Sempre acompanhado por um dos irmãos, que se vai matriculando nas mesmas disciplinas, que estuda as lições alto para que o cego as aprenda de ouvido — nesse tempo não estava descoberto o método gráfico, maravilhoso, para ensino dos cegos — êle completa o curso secundário, êle forma-se depois em Canones, o curso correspondente ao Direito actual, na Universidade de Coimbra.

CASTILHO — *(Desenho de Rafael Bordallo)*

Querer é poder, dizia Castilho, contìnuamente, inscrevendo no seu brasão de estudioso, à maneira de timbre nobiliárquico, o velho provérbio popular.

E como querer é poder, o cego, em vez de ficar em casa, a gosar o *dulce far niente* de filho família abastado, lança-se ao trabalho e tira o seu curso superior. Mas não limita a sua acção a cumprir dia a dia os deveres de escolar. Pede a leitura dos poetas e dos prosadores. Aos 16 anos, mercê dum poema em louvor da Raínha morta, D. Maria I, vê consagrado o estro poético pelos críticos da época.

Isto não basta à sua febre de se dilatar, ao seu desejo de se engrandecer.

Compõe novos poemas. Assombra gregos e troianos com a propriedade e elegância das suas traduções do latim, do francês e do alemão. E faz-se o apóstolo da instrução dos humildes, logo que o Vintismo decreta a abolição dos privilégios de casta, abrindo cursos populares, criando jornais educativos, publicando livros acessíveis aos pequenos.

Edita os *Quadros históricos*, no intuito de que todos, grandes e pequenos, conheçam a história do seu país, a sua fôlha corrida de cidadãos portugueses.

Lança a *Revista Universal Lisbonense*, em que versa assuntos literários, morais, industriais e agrícolas.

Em plena quadra de luta pela divulgação das letras e das artes, começa a preocupá-lo o empirismo brutal do ensino da instrução primária. As crianças portuguesas são ensinadas pela arqueológica cartilha do Padre Salamonde — à bordoada, à palmatória, a *Santa Luzia de cinco olhos*, segundo o termo escolar, tirando da dôr e da humilhação dos alunos, o que devia ser fruto da competência e carinho dos professores.

E é êle, Castilho, o cego, quem realiza o milagre do *fiat lux* na escola primária portuguesa. É êle, precursor de João de Deus, o poeta da *Cartilha Maternal*, quem substitui o método de ensino de domador de feras, pelo método de ensino do escultor de almas — com o seu *Método português de leitura*.

Claro: — êsse bem incomensurável para a infância lusitana, para a pátria portuguesa, foi o fel e o vinagre, foi a cruz e o calvário do insigne reformador.

Mal o incansável iluminado se põe a cantar a alvorada do seu milagroso invento, salta-lhe ao caminho a alcateia de lobos dos interêsses criados. São todos os que vivem atrelados ao carroção da rotina correndo a apedrejá-lo. São todos os que comem e bebem das cartilhas ronceiras e das lágrimsa dos escolares a acometê-lo de flanco e de frente, flagelando-o e insultando-o.

Castilho, porque querer é poder, nem desiste, nem fraqueja. Luta dia e noite, luta até à morte, acabando por vencer.

Uma ou outra vez, o cérebro fatigado, desvia-se da arena do combate, vai repousar para a cidade de Ponta Delgada, nos Açores.

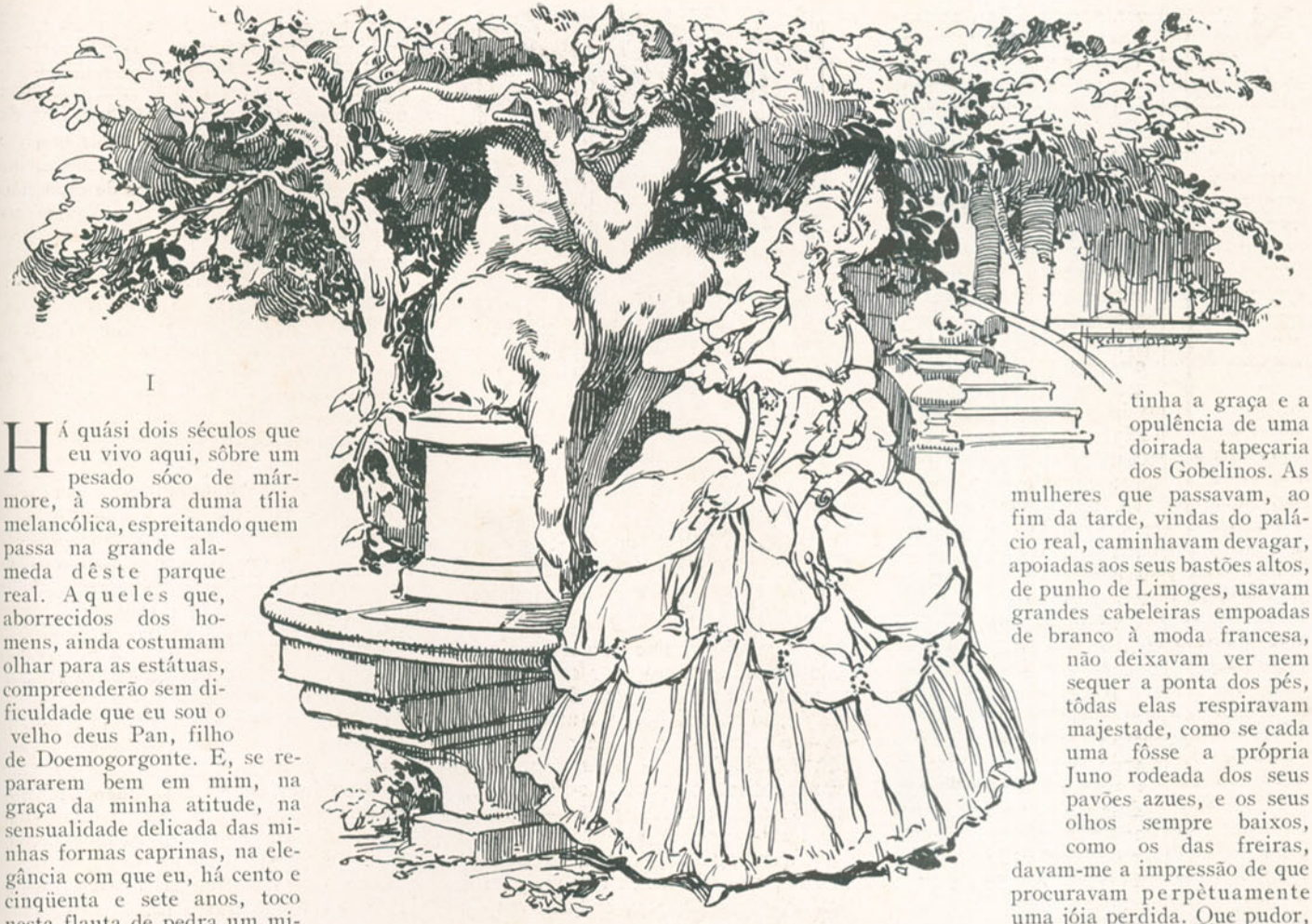
Vai repousar da batalha travada aqui. Mas lá, apenas chega, entra logo a batalhar. E funda escolas, e monta oficinas de tipografia, e estabelece oficinas de gravura, e edita jornais de divulgação agrícola, e apadrinha centros de educação intelectual.

Vai ao Brasil em missão de propaganda do seu método primário. De regresso a Portugal abre o seu notabilíssimo *Curso de ensino normal*.

Só a morte, ocorrida pouco depois, abate o esfôrço do paladino, cala a voz do apóstolo — mas nem a morte queima a semente magnífica do semeador, que logo se transforma em seára, que formosamente se desentranha em pão.

Não é verdade que retempera evocar, nas épocas de crise de vontade, a figura dos grandes lutadores? E esta é das maiores, das mais eloqüentes e edificantes. É a luz dum cego a ensinar o caminho aos videntes.

Sousa Costa.



O DEUS PAN
E AS TRÊS MULHERES
(a do século XVIII, a do século XIX, e a do século XX)

I

Há quási dois séculos que eu vivo aqui, sôbre um pesado sóco de mármore, à sombra duma tília melancólica, espreitando quem passa na grande alameda dêste parque real. Aqueles que, aborrecidos dos homens, ainda costumam olhar para as estátuas, compreenderão sem dificuldade que eu sou o velho deus Pan, filho de Doemogorgonte. E, se repararem bem em mim, na graça da minha atitude, na sensualidade delicada das minhas formas caprinas, na elegância com que eu, há cento e cinqüenta e sete anos, toco nesta flauta de pedra um minuete que ainda ninguém ouviu, hão-de reconhecer que só mãos francesas poderiam ter-me arrancado ao bloco de mármore de que sou feito: as mãos do ilustre Clodion, que povoou de ninfas e de bacantes nuas os velhos parques do século XVIII. Confesso que, na minha dupla qualidade de deus e de estátua, principio a sentir a neurastenia da divindade e da imobilidade; e, como tôdas as pessoas que deixaram de compreender o seu tempo, decidi-me, finalmente, a escrever as minhas memórias. Porque, na verdade, eu vi e ouvi muitas coisas. Do alto do sóco onde me ergueram, imóvel sôbre as patas felpudas de bode, debruçando sôbre o mundo a forte musculatura das minhas espáduas e o meu largo sorriso dionisíaco, eu tenho visto passar os séculos e as gerações, viver e morrer as idéias e os homens; e, porque se lembraram de construir na minha frente um banco de pedra, vasto como um leito, assisti a muitas conversas, conheci muita gente, fui o espectador silencioso e amável de muitas loucuras, e noutro tempo (agora, já não), quando o sol declinava, quando o céu refulgia como um grande mosaico doirado e as sombras baixavam sôbre a terra, não havia uma só noite (e há quarenta e sete mil noites que aqui estou!) em que um murmúrio de beijos, uma crepitação de sêda, um arrulho de pombos não chegassem aos meus ouvidos, e em que as minhas narinas voluptuosas de deus silvestre não sentissem a palpitação dum perfume de mulher. Os homens interessavam-me muito; mas, com franqueza, as mulheres ainda hoje me interessam mais. Êles passam, quási sem me olhar; elas, porém, atraídas pela nudez do meu tôrso e dos meus braços, que podiam ter pertencido a Apolo, levantam sempre os olhos para mim. Se eu não fôsse um deus de pedra, condenado à perpétua imobilidade, quantas mulheres teria já perseguido por êstes bosques, sem que elas fugissem dos meus beijos, como aquela loira Sirynx, pastora da Arcádia, cujo corpo delicado se converteu na flauta que eu toco...

II

Quando eu escrever as minhas memórias, hei-de dizer o que penso das mulheres. Em geral, os homens dizem mal delas, porque só conheceram as da sua geração. Eu vivi quási dois séculos, conheci bastantes gerações, e sou obrigado a confessar que as mulheres têm mudado muito. Quando, em 1773, me trouxeram para aqui, a grande alameda dêste parque tinha a graça e a opulência de uma doirada tapeçaria dos Gobelinos. As mulheres que passavam, ao fim da tarde, vindas do palácio real, caminhavam devagar, apoiadas aos seus bastões altos, de punho de Limoges, usavam grandes cabeleiras empoadas de branco à moda francesa, não deixavam ver nem sequer a ponta dos pés, tôdas elas respiravam majestade, como se cada uma fôsse a própria Juno rodeada dos seus pavões azues, e os seus olhos sempre baixos, como os das freiras, davam-me a impressão de que procuravam perpètuamente uma jóia perdida. Que pudor, que dignidade, que inocência! As risonhas dríades e amadríades dos bosques mitológicos da Hélade, que saíam do banho perseguidas pelos sátiros, e rebolavam, maravilhosamente nuas, os corpos brancos pela relva — em que deusas austeras e graves se haviam transformado (pensava eu), e como aqueles vestidos pesados, verdadeiras armaduras de sêda que as cobriam dos pés à cabeça, pareciam mais próprios para as fazer respeitadas, do que para as fazer desejadas! Atrás delas, vinham as *dueñas*, de olhos baixos também, vestidas de negro; atrás das *dueñas*, os frades confessores e directores espirituais, de olhos mais baixos ainda, as camândulas à cintura, os breviários na mão; por fim, as negrinhas, vestidas de côres, quási de olhos fechados, trazendo os léques, os cêstos da merenda, os espelhos de prata do toucador. Só muito de longe, é que os elegantes do tempo se atreviam a seguir aquelas divinas imagens da candura; e, quando elas iam merendar nalgum recanto do parque, como nos quadros de Van Loo, em volta de uma toalha branca estendida na relva, os pobres rapazes aproximavam-se então, de tricórnio debaixo do braço, tímidos como colegiais, e iam, de olhos tão baixos como os delas, beijar-lhes respeitosamente as pontas dos dedos. Mas a noite caía; o perfume das laranjeiras floridas embalsamava o ar; a deusa das trevas, esposa de Acheronte (como dizem os poetas), envolvia o mundo no seu manto negro; e então — Deus do céu! — tôda

aquela gente levantava os olhos, as meninas, as *dueñas*, os frades, os namorados, as negras; e, pelas sombras nocturnas do parque, pelos bancos de pedra, pelos recantos do arvoredo, quantas loucuras, quantos beijos sussurrantes, quantos desmaios amorosos, e como eu sentia, como eu adivinhava — no frémito voluptuoso daquelas noites em flor! — que os corpos eram brancos, as bôcas perfumadas, e a pesada armadura dos vestidos, afinal, mais diáfana e mais leve do que uma fôlha de rosa ou uma núvem da manhã! No dia seguinte, quando nascia o sol, havia pelo parque jóias e fitas de sêda perdidas; e quando, à tarde, as mesmas lindas mulheres tornavam a passar de olhos baixos, majestosas, pudibundas, solénes, apoiadas aos seus bastões, coroadas das suas imensas cabeleiras brancas, lançavam-me um olhar furtivo, um olhar suplicante, um olhar que queria dizer, na sua graça maliciosa: — «Não contes a ninguém o que ouviste, não, meu amigo?» O tempo fugiu, caíram as fôlhas, levou-as o vento, — e eu não disse nada a ninguém...

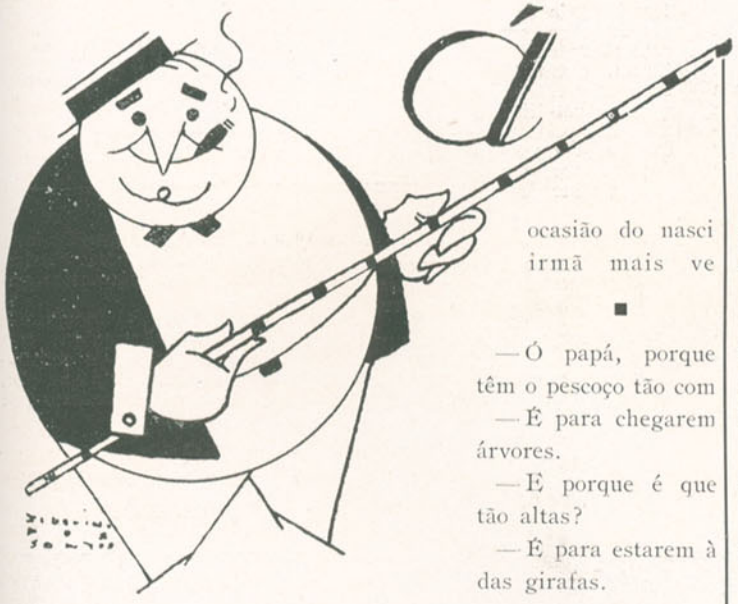
III

Os deuses, como eu, são amáveis e tolerantes. E, quando têm a felicidade de ser de pedra, a sua bonomia é admirável. Porque razão hei-de eu censurar a hipocrisia dessas bonecas francesas do século XVIII, netas de Tartufo, se a noite foi realmente feita para amar e o dia para nos enganarmos uns aos outros? Mas, as mulheres mudam muito com o tempo, e as que vieram depois, em 1840, já não eram assim. Vi-as passar, à tarde, nesta alameda, tôdas profundamente melancólicas — a mórbida melancolia do Romantismo — magras, pálidas, vestidas de musselina branca, os cabelos negros em bandós semeados de rosas de toucar, uma écharpe branca pelos ombros, a sáia de grande roda a oscilar como um sino de que os pés, calçados de preto, fôssem os pequenos e graciosos badalos. Caminhavam lentas, dando a impressão de figuras aéreas dominadas por um grande sonho, e os seus olhos, pisados de olheiras negras, em vez de procurarem o chão, como os das frívolas bis-avós de 1770, erguiam-se em êxtase para o céu — os olhos em alvo das mulheres românticas — como se esperassem, a todos os momentos, uma inspiração divina. Precedia-as um escudeiro, também de olhos em alvo, levando no braço um *couvre-pieds* felpudo, e na mão, respeitosamente, como uma relíquia, o último livro de Musset ou de Garrett; e, poucos passos atrás, seguia-a o «leão» amoroso, peito largo, cintura estreita, casaca verde-bronze com botões de prata, chapéu alto Murillo, gravata negra asfixiante dando quatro voltas no pescoço, o ar profundamente dramático de um homem dominado por uma paixão terrível, e os olhos ainda mais em alvo (muito mais!) do que os do escudeiro e os da senhora. Passeavam os três pelo parque, até ao caír da noite. Quando o luar rompia, a senhora vinha sentar-se no banco, ao pé de mim; para que não se lhe visse o fino tornozelo calçado de sêda branca, por onde subiam, cruzadas, as fitas negras do coturno — porque, só adivinhá-lo, era uma profanação — o criado lançava-lhe sôbre os joelhos o *plaid* de lã de Inglaterra, e afastava-se, discreto, perdendo-se nas sombras do arvoredo. Era então — momento supremo! — que o «leão» amoroso se aproximava, pálido, desvairado, o chapéu na mão, o cabelo em desalinho, para declamar, como Antony, as palavras dramáticas da sua paixão, palavras que a mulher adorada ouvia em êxtase, a pensar na morte e a comer, sôfregamente, fôlhas de violetas. — «Eu quero matar-te, porque te amo!» — rugia êle. — «Mas devagar, muito devagar — suspirava ela — porque é delicioso morrer por ti!» O luar, cobria-os, como um pálio de prata; ouvia-se ao longe, num piano, um «nocturno» de Chopin; o chapéu alto dêle rolava no chão; a écharpe dela voava ao vento; e os dois amantes, extenuados de pedir a morte um ao outro, adormeciam enfim num abraço trágico de moribundos, sôbre êste banco de pedra, envolvidos no *couvre-pieds* como num grande manto de Arlequim... No dia seguinte — ó deuses imortais! — estavam ambos de perfeita saüde.

IV

Eu, que andava na Arcádia com os meus rebanhos, tocando a minha flauta, costumado a ver as ninfas correr pelos bosques, inocentemente nuas, desconfiei sempre das mulheres que se vestem de mais, que afectam excessivo pudor, e que não deixam ver nem um dedo do seu pé descalço. São, de dia, virgens pudibundas; e, à noite, bacantes descompostas. Agora, em 1932, as mulheres mudaram outra vez, e há anos, desde o fim da guerra, que aparecem nas alamedas dêste bosque quási despidas, com os cabelos cortados, as unhas pintadas de vermelho (o que é um sinal de ferocidade), os braços nus, as pernas nuas, fumando como homens, saltando como gamos, e passando os dias a atirar bolas umas às outras, ao sol, numa clareira cercada de rêdes que mandaram abrir ali, naquele bosque, defronte de mim. Têm um ar másculo, de belos adolescentes; possuem a audácia da nudez, como as jóvens gregas que dançavam nas Thesmophórias ao som de crótalos e de címbalos de prata; e os seus olhos, pintados de azul, não olham para cima nem para baixo, como as suas avós doutro tempo, — mas para a frente, corajosamente, não sei se com impudor, se com insolência, se apenas com naturalidade. Parecem — aqui para nós — as mulheres mais escandalosas do mundo; e entretanto, quando a noite cai, nunca houve, como agora, tanto sossêgo e tanta decência neste parque. Nunca mais se ouviram beijos nas sombras do arvoredo; tudo quanto fazia as delícias do velho amor romântico, cheio de poesia e de mistério, morreu para elas; quando falam com os homens, é de dia, diante de tôda a gente, atirando-lhes fumo para a cara, e chamam a isso *flirtar*. Ontem, duas delas, que eram doutoras, sentaram-se neste banco de pedra a falar da república das mulheres, e eu tive a impressão de que estava na Arcópole, entre templos brancos e ciprestes verdes, ouvindo a bela Lysistrata ou a loira Praxágora do meu amigo Aristophanes, igual aos deuses. Se as mulheres se conservam assim, viris e quási nuas, são elas que hão de vir a governar os homens; e no dia em que acabem de caír-lhe aos pés, como relíquias inúteis, os últimos restos de sêda que as vestem ainda, da cintura até aos joelhos, — as mulheres, puras expressões da divindade, sôbre cuja maravilhosa e definitiva nudez as pombas revoarão e Jupiter fará caír a sua chuva de oiro, terão atingido, enfim, a suprema perfeição na terra. Sou eu que lho digo, o velho Pan! E até lá — ó homens imperfeitos, homens mais fracos e mais impuros que as mulheres! — eu continuo a tocar, impassível, a minha flauta de pedra...

Júlio Dantas.



À pesca

Eu não sei se conhecem o Pais Sargedas, o Sargedas dos trapos como é conhecido no Campo das Cebôlas? Mas se o não conhecem eu apresento-o.

O Sargedas é um bom tipo, sério e trabalhador que tem uma grande qualidade e um grande defeito: a qualidade é gostar muito de vinho e o defeito o ter um desmedido horror à água. E não é que êle não procure emendar-se, mas aquela fobia é superior às suas fôrças.

Um dia fui dar com êle com o dêdo meiminho metido dentro dum copo de água:

— O que é isso, Sargedas?

— Estou a treinar-me para tomar um banho geral.

Já lá vão seis meses e creio que nesta altura ainda não chegou ao pai de todos.

Ora ontem à noite, quando eu passava em frente da estação do Rossio, dei com êle, um pouco borracho e com uma cabrinha ao colo.

— Venho da Amadora. Fui à Quermesse de Caridade e saiu-me esta cabrinha numa rifa.

— E agora o que vais fazer?

— Vou levá-la para casa.

— E onde a metes?

— No meu quarto.

— Uma cabra?! Isso é um cheiro horrível...

— Bem sei, mas ela, coitadinha, com o tempo há-de acabar por se acostumar.

■

Dum romance:

A desgraçadinha estava privada das carícias maternas pois a mãi morrera por ocasião do nascimento da sua irmã mais velha.

■

— Ó papá, porque é que as girafas têm o pescoço tão comprido?

— É para chegarem às fôlhas das árvores.

— E porque é que as árvores estão tão altas?

— É para estarem à altura da cabeça das girafas.

■

— Quando estou doente vou ao médico, porque o médico, coitado, precisa viver. Depois vou à botica aviar a receita, porque o boticário precisa viver, e quando chego a casa deito o remédio fora.

— Porquê?

— Porque eu também preciso viver.

■

Num baptisado:

O padre: — Como é que se vai chamar o menino?

O padrinho: — José António Francisco da Conceição Carlos Luís Fernando...

O padre: — Sacristão, traga mais água.

■

— Quando uma pessoa é surda tem a vista mais apurada.

— E quando uma pessoa tem uma perna mais curta, tem a outra mais comprida.

■

O criado do aristocrata batendo à porta do quarto do amo:

— Está aqui um telegrama.

— Meta-o por baixo da porta.

— Não posso, porque vem numa bandeja.

■

Um dia um judeu muito económico foi comprar um chapéu. Quando entrou em casa a mulher ficou apavorada.

— Então tu fôste comprar um chapéu que te entra até às orelhas?

— Pudera não! Os pequenos custavam o mesmo preço.

Entre caçadores:

— Ontem à noite matei trinta lebres e vinte e quatro coelhos.

— Quando acordaste, devias ter ficado furioso.

■

— O homem que ali vem é um poeta estupendo.

— Mas os poetas costumam andar vestidos de negro e têm cabeleiras enormes?

— Pois sim, mas aquele é da *poesia secreta*.

■

— Você abusa da aguardente, não é verdade?

— Não senhor. Bebo ùnicamente dois copos pela manhã, quando me levanto, porque ao beber um copo sinto-me logo um outro homem.

— E então para que bebe o outro copo?

— Porque como me sinto outro homem, o outro, coitado, também tem direito à vida.

■

— E tu tiveste um duelo?

— Quási.

— ?!!

— Deram-me uma bofetada.

■

O Inácio corretor foi consultar um médico:

— O meu amigo está mal. Se não cuidar de si está perdido... Trabalha muito?

— Muito, senhor doutor. Sou corretor da Bôlsa onde estou todo o dia.

— Pois se não quere morrer tem de deixar de lá ir. Já sabe: ou a bôlsa ou a vida.

■

O Lopes de volta de uma viagem à Serra Morena, contava a um amigo a desgraça que lhe acontecera.

— Ia eu muito satisfeito, quando me saíram uns salteadores ao caminho e roubaram-me todo o dinheiro que levava, o relógio e o automóvel.

— E não levavas um revólver?

— Levava, mas felizmente não deram com êle.

O pescador — **Lino Ferreira.**

PELO MUNDO FÓRA

Albert Thomas

ENTRE os mortos do mês passado, Albert Thomas ocupa lugar de merecido destaque. O seu falecimento ocorrido quási que simultâneamente na data da morte do saüdoso Presidente da República Francesa, sr. Doumer, num momento em que a atenção pública geral convergia mais sôbre o condenável atentado, não permitiu, porventura, que a Albert Thomas, director do *Bureau* Internacional do Trabalho, se levasse a merecida consagração pública do seu alto intelecto. Mas nem por isso, todo o mundo deixou de olhar com vivo pesar o desaparecimento de tão notável personalidade que em vida se desempenhou de altos e espinhosos cargos com proficiência e dedicação.

Pelo mundo da Música

WILHELM Furtwängler e a orquestra sinfónica de Berlim sob a sua direcção, têm festejado no estrangeiro, nomeadamente em Roma, grandes triunfos artísticos, sendo êste agrupamento musical considerado um dos melhores da Europa.

Joseph Haydn

A propósito da comemoração do bi-centenário da morte de Haydn, recorda-se que o grande músico, durante os últimos anos de vida, sempre que o convidavam para qualquer reünião a que êle, já cançado, não podia comparecer, enviava um cartão de visita com o seu nome e com a citação do côro da sua autoria «O Velho» cujos primeiros versos, assim diziam: *Foi-se-me tôda a fôrça... Sinto-me velho e fraco...*

Estas linhas eram acompanhadas pelas primeiras notas musicais da sua referida obra.

A catástrofe de Lyon

LYON vem de ser vítima de uma nova catástrofe a que os jornais largamente se referiram e que vitimou grande número de pessoas.

A nossa gravura mostra um dos edifícios que ruiram naquela

cidade, vendo-se os bombeiros e populares ocupados na tarefa do salvamento. A casa estava situada no sopé da colina conhecida por Croix-Rousse.

Noivado de aviadores

OS conhecidos aviadores americanos transoceânicos, Miss Amy Johnson e Mr. Mollison, anunciaram no passado dia 10 de

Maio o seu próximo casamento. Como se sabe, Amy Johnson tem honrado a aviação britânica com os seus vôos a longa distância, outro tanto sucedendo a Mollison que na Austrália tem marcado pelas suas excelentes qualidades de coragem e grande saber técnico.

A caricatura no estrangeiro

NA EXPOSIÇÃO DE QUADROS: — Com certeza que o pintor é maluco! Êste quadro represen-

tando nabos e rabanetes, custa um conto de réis, e o ananaz e vinho velho, que deviam ser mais caros, só custam trezentos escudos! — *(Da «Die Woche»).*

Arquitectura moderna

SEM dúvida que a Alemanha tem marcado, e grandemente, na evolução da moderna arquitectura mundial. As construções levadas a efeito últimamente atestam o alto valor dos arquitectos germânicos.

Recentemente, foi inaugurada em Berlim, Wilmersdorf, esta igreja cujas linhas de construção impressionam pelo que têm, a um tempo, de harmonioso e de severo.

Pelo mundo do Teatro

ILUSTRAÇÃO arquiva hoje nestas colunas o retrato gentilíssimo da linda actriz inglesa Elizabeth

Allan, considerada na Grã-Bretanha como uma das caras mais bonitas do mundo teatral. A simpática artista dedicou-se, recentemente, também ao cinema.

A Afrodite roubada

REPRESENTA a nossa gravura o valioso bronze escultural de Afrodite que se supõe datar do

ano 460 antes de Cristo e avaliado em mais de vinte mil libras e que foi roubada, recentemente, de casa do conde de Spetia di Radione em Londres, juntamente com outros objectos de subido e raro valor artístico e histórico.

VI Congresso Internacional de Teatro

NO grupo que reproduzimos, obtido durante a realização do VI Congresso Internacional de Teatro, recentemente realizado em Roma, vêem-se Pirandello, Mulé, Méré, Clausetti, Basini, Pierantoni, Bosio, D'Amico, Contini, Bragaglia, Bontempelli e Sibilla Aleramo, tudo nomes ilustres nos meios teatrais e críticos da Itália e França, que se reüniram num almôço de confraternização no Hotel Palazzo Aldobrandini.

PELO MUNDO FÓRA

Um aniversário

A fotografia que acompanha estas linhas é a do dr. Bickel, presidente da United Press Associations, importante agência de notícias internacionais que, recentemente, festejou o 25.º aniversário da sua fundação. Sob a proficiente direcção do presidente Bickel, a United Press tem-se desenvolvido imensamente po-

dendo considerar-se um dos mais fortes organismos de informação mundial que fornece com o noticiário mais importante, mais seguro e mais imparcial, 1200 jornais de quarenta países diferentes.

Ilustração associa-se ao número dos que cumprimentaram por efeito dêste aniversário o nosso amigo e presado colega na Imprensa, Adolfo Vieira da Rosa, representante em Lisboa da citada agência.

Estatuaria russa

Verdadeiramente fantástico êste grupo plástico devido a um artista russo e representando um aviador, um trabalhador com máscara de gáses e um aeropla-

no, que, durante as celebrações do 1.º de Maio em Moscovo, foi transportado nas manifestações que percorreram as ruas e que atingiram na famosa *Rua Vermelha* o auge do entusiasmo.

Arte Coreografica

Em Nova York causou um retumbante sucesso o bailarino russo Alexis Dolinoff inter-

pretando o bailado expressionista intitulado «Cavalo-força («HP»). Leopold Stokowshi acompanhou o bailado com a sua orquestra de 114 executantes e o bailarino apareceu com a curiosa indumentária da nossa gravura.

O Novo "Miss England"

Kaye Don fêz construir uma nova embarcação, a «Miss England III», com a qual pre-

tende concorrer ao campeonato mundial de barcos-automóveis que, à hora que escrevemos, se deve estar a realizar. O último gasolina de Kaye Don alcançou uma velocidade de 110 milhas.

Afonso XIII diverte-se

O monarca exilado da Espanha, a quem, há pouco, um operário em Bordeus quiz agredir, não renunciou, de forma alguma,

aos prazeres que a vida ainda lhe reserva.

Aqui o vemos acompanhado do comendador De Santis, numa visita que fêz ao Casino Municipal de San Remo. O ex-monarca gosta de viajar e de esquecer as suas máguas.

Em Sydney foi inaugurada uma nova ponte que passa por ser uma das mais belas obras da moderna engenharia. Por ela passam quatro linhas ferroviárias, seis caminhos para automóveis e dois passeios para peões. Todo o trabalho foi feito com operários e material inglês.

A crise financeira nos Estados Unidos

Uma das Câmaras de Comércio de Washington viu-se forçada a pôr em circulação uma *nota* de dólar em madeira para

assim resolver as dificuldades da circulação fiduciária que se tem agravado imensamente.

A favor dos Tuberculosos

A nobilitante jornada a favor dos tuberculosos que em Portugal se acaba de realizar com tanto êxito, também em outros

países se realizou, provando de que maneira as gerações actuais, sob o signo da dupla cruz, se empenham no combate ao terrível mal.

O instantâneo que publicamos foi obtido durante a realização da Semana da Tuberculose em Milão.

Na côrte da Noruega

É êste o retrato da princesa Marta, herdeira do trono da Noruega e do pequeno príncipe

Astrid, seu filho, tirado após o baptizado dêste novo membro da côrte norueguesa.

GRAÇA ALHEIA

O domador de feras treinando-se em casa. (Do Tatler»)

"MISS" PEQUIN
SERÁ A "MISS UNIVERSO" 1932?

Este ano, como todos os anos, a Europa, a América e os outros continentes, vão inscrever-se no torneio mundial de beleza feminina e em breve *Miss Universo* aparecerá ao mundo, ou sob a forma de uma loira filha de Albion ou donzela de Mississipi, ou talvez dentro do estôjo de ébano do corpo escultural de uma natural de Tombuctu, isto se o capricho não quiser que seja modista de Montparnasse, russa de sobrevivência tzarista ou uma exótica caçadora de ornitorincos.

A menina Ma que foi eleita «Miss Pequin 1932»

Como porém êstes concursos já estão classificados, unânimemente, como uma verdadeira chinezice mais ou menos ridícula segundo quem a aprecie, é lógico e não surpreende que a China, o Ex-Celeste Império, hoje república mártir, tenha pensado em ser a primeira a concorrer. E, na verdade, apesar da situação em Xangai, apesar do terrível e sangrento *embróglio* da China do Norte e do Sul, do conflito latente entre Pequin e Nanquin, da Mandchúria independente, dos latrocínios e rapinas dos nipões, amigos chineses se bem o pensaram melhor o fizeram e têm já a estas horas, eleita como sua representante do torneio internacional futuro, uma autêntica Miss Pequin, que, pelo que mostra o boneco, não é tão exótica a olhos de europeus como podia julgar-se.

O certame foi imponente, de rara policromia, de um vistoso exotismo que animaria para uma nova obra de génio a pena prodigiosa de Pierre Loti ou a genial observação de Lafkadio Hearn. E os nossos Wenceslau de Morais, Camilo Pessanha ou Coelho de Carvalho, cronistas e poetas de tal longínquo exotismo, escreveriam páginas e estrofes inesquecíveis.

Em Pequin foi uma organização moderna, progressiva, um pouco cosmopolita, o «Reiking Ladies Club», que organizou o concurso no Palácio do Estio. A êle vieram, a disputar o supremo galardão, além das belezas da capital, as mais belas jóvens de Kiang Su, de Fon Kiang, do Nan Uai, do Kuang Fung, tôdas cheias de nobilíssima raça, tôdas ataviadas com seus trajos tradicionais, como ídolos vivos, recamados de pedras, sedarias polícromas, flores, fitas, jóias e laços. E vieram outras da Mandchúria, da Coreia, da Sibéria setentrional, porque *Miss China* deve ser, em boa lógica anti-nipónica, *Miss Ásia*.

No fantasmagórico Palácio de Estio, jardim perene, de raro esplendor, tôdas se juntaram, as flores exóticas do exótico ramilhete. Por cima da vegetação anã desenha-se a lendária *ponte de prata*, e por ela, numa numa apoteose, desfilaram as concorrentes vestidas com modas cuja data oscila entre 730 e 1932 da era cristã.

Lirio Iuang, vestida de «Iang Kue Fei (concubina imperial) da dinastia Tang (ano de 730)

E logo as favoritas foram escolhidas; Wang, Siglinda empenachada, dentro dum terrível e magnífico uniforme de generala da dinastia Tang, depois Lirio Iuang, a enigmática, vestindo como uma concubina imperial da mesma época, logo a seguir Estrela King envergando a cabaia prodigiosa e o singular toucado de princeza da dinastia Sung, paramentos autênticos datados de 1045, ainda depois a menina Hsu da vendedora de flores do século XVIII chinês, tôdas fazendo guarda avançada à elegante menina Ma (longe vá o agoiro) que, vestindo à moda actual, ganhou, por aclamação do júri, o título de Miss Pequin, que o mesmo é Miss China.

Estrela King, vestida de princesa da dinastia Sung (1405)

Siglinda Wang, destida de generala da dinastia Tang (ano de 730)

Nesta escolha ficou, decerto, mal parada a tradição do vestuário clássico chinês, mas temos de confessar que a menina Ma merece o título que ganhou e o posto de luta, frente às suas colegas de outros continentes, na disputa do trofeu de *Miss Universo 1932*.

CINEMA

Revista das Estreias

Esta tendência, do cinema dos nossos dias, de se tornar superficial, de constituir espectáculo ligeiro e brilhante, torna-se, dia a dia, mais evidente.

É o reinado da opereta. Um novo reinado, mais fecundo em realizações do que o foi o do palco ou o da cena muda. Pouco a pouco, entre as muitas produções que surgem, um estilo se vai definindo e concretizando, em que ritmos ligeiros e alegres, argumentos que têm sabor de contos de fada e espirituosas inverosimilhanças se condensam para nos dar obras de pura fantasia, espectáculos visuais que a música completa admirávelmente.

Da categoria artística dêstes espectáculos é sempre inútil falar. Para os críticos, êles fogem, inteiramente, aos dogmas estéticos. Mas é incontestável que a Arte também tem nêles a sua função, sob a forma de música, de montagens ou decorações. Além disso, a opereta, na sua moderna forma fono-cinematográfica, corresponde a um gôsto do público, e é forçoso considerá-la como expressão, ainda que transitória, da nossa época.

Que assim é prova-o o êxito de *Dois num automóvel* que, em *reprise*, sucedeu a *Luzes da Cidades* e, mais recentemente, de *Um homem feliz*, admirável produção de Erich Pommer que o São Luíz estreou.

Este filme do grande animador alemão não se distancia sensìvelmente das produções do género que últimamente temos admirado. Reúne, na verdade, tôdas as qualidades que impuseram os outros, dentro dum argumento frívolo e fantasioso, mas cheio de interêsse. E se algum senão lhe podemos apontar é apenas o de incluir, aqui e além, algumas cenas dum certo realismo que não vai bem ao carácter ligeiro da obra. Referimo-nos às seqüências do rapto num hotel modesto e a alguns diálogos entre mãi e iflho que põem no conjunto a sua nota de realidade triste. Àparte isto, o filme está recheado de *trouvailles*, entre as quais se destacam a dos bailarinos profissionais e a perseguição final que é curiosíssima.

Kate de Nagy e Jean Murat são dois intérpretes excelentes nêste género de filmes. Ela, graciosa, cheia dessa encantadora espiritualidade que o carácter do filme implica. Êle, um pouco menos galã do que o argumento exigiria, mas actor de grandes recursos.

Fugindo a esta voga crescente, apresentou-nos Tivoli *De corpo e alma*, um filme de aviação e de guerra em que a intriga amorosa tem o principal lugar. De argumento um tanto folhetinesco, êste filme oferece apenas à nossa admiração uma vigorosa realização, com cenas aéreas admiràvelmente filmadas e um poderoso ritmo de imagens.

Quanto ao resto, há apenas a notar a brilhante interpretação do grande actor Ernesto Vilches em *Mr. Wu*. A-pesar da sua acentuada feição teatral, êste filme oferece notável interêsse, que se resume, de resto, quási por completo, no inteligente trabalho do grande actor espanhol.

As aventuras de Tom Sawyer, interpretado por Mitzi Green, Jackie Coogan e um grupo de actores de poucos anos, é um excelente filme de crianças, para adultos. Todos os intérpretes são assombrosos de naturalidade. Jackie Coogan, em especial, iguala os melhores trabalhos do início da sua carreira. Mas para as crianças, a quem êste filme parecia ser destinado, o seu argumento pode merece reparos, pela sua moral um tanto convencional.

Um grupo de «astros» do firmamento de Hollywood: Lillyan Tashman, Dorothy Jordan, Claudette Colbert, Silvia Sidney, Judith Wood e Philips Holmes

Finalmente, tivemos ainda, no Odeon, *Noites de Viena*, uma opereta de delicadíssimo recorte, animada pela melhor música do género. Ao contrário do que com a maioria das obras similares sucede, *Noites de Viena* baseia-se num argumento inteligente e profundamente humano, com o que nada perdem, porém, a leveza e a fantasia que o seu carácter de opereta lhe impõem.

Donde se conclue que, em cinema, a hora que passa pertence à música e que esta vai assumindo, no espectáculo das sombras animadas, um papel quási tão fundamental como o das imagens e muitas vezes mais importante do que o do diálogo.

O que não é de modo nenhum para lamentar.

Manuel L. Rodrigues.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

A INFLUENCIA DO CINEMA

É facto geralmente reconhecido que o cinema exerceu já, e continua exercendo ainda, uma enorme influência na cultura, nos usos e nos costumes das multidões.

Podem citar-se inúmeros casos em que a moda, tanto masculina como feminina, foi influenciada pelo cinema. Outros, em que essa influência se fêz sentir nos hábitos — o marismo, *como agora se diz, e que noutros tempos contava deminuto número de cultores, entre nós — ou até no paladar — como no caso do* chewing gum, *importado juntamente com* A grande parada.

As conseqüências estéticas, morais e sociais desta influência — óbvio se torna dizê-lo — são também incalculáveis. E mais ainda desde que as imagens começaram a falar.

Dirigir metòdicamente esta extraordinária fôrça no sentido duma maior elevação moral e material da humanidade, não o consideramos possível. Seria necessário para isso que a produção se encontrasse confiada a artistas e educadores, quando a verdade é que o está a comerciantes. Além disso, o problema tem um carácter universal que o torna, nas condições presentes, insolúvel.

Porém, esta fôrça que não é possível dirigir, pode e deve ser criteriosamente encaminhada. Essa função pertence ao Estado que, por meio dum organismo especial, deveria facilitar a introdução no nosso país da produção cujo efeito pode ser benéfico, criando obstáculos à restante. Não nos referimos, evidentemente, a um organismo de censura, tanto mais que êsse já existe, mas sim a uma entidade oficial que tivesse por missão estabelecer o quantitativo dos impostos de exibição dum filme na razão inversa do seu valor artístico ou educativo.

A ideia oferece, sem dúvida, dificuldades graves de realização. Mas os seus efeitos, se viesse a encontrar uma aplicação justa, traduzir-se-iam, decerto, numa elevação do nível artístico e didático da produção exibida. — M. R.

MICKEY DANIEL, ARTISTA DAS COMÉDIAS HAL ROACH, VISTO PELO CARICATURISTA AMERICANO BETTENCOURT

O telégrafo trouxe aqui há algum tempo a notícia sensacional de que Sternberg cortara as relações com os produtores de Hollywood, recusando-se a dirigir a realização de *Venus loira*, e que Marlene Dietrich, solidária com a atitude do famoso realizador, comunicara a sua resolução de não interpretar o filme.

O caso oferece aspectos curiosos que vale a pena relatar. Principalmente porque se trata dum dos raros e simpáticos casos de revolta, ocorridos adentro da rígida disciplina dos estúdios americanos, contra o espírito medíocre e baixamente industrial dos produtores de filmes.

Sternberg escrevera, de colaboração com Marlene Dietrich, o argumento dum filme a que pôs o nome de *Venus loira*. Oferecido o manuscrito à «Paramount», esta aceitou-o, em princípio, mas, decerto porque fugia aos limites artísticos do director da produção, foi o manuscrito confiado à secção de argumentos onde uma multidão de escritores assalariados o modificou a seu bel-prazer.

Em face disto Sternberg declarou, tranqüilamente, que não dirigiria a realização do filme. O resultado foi ser logo suspenso das suas funções, e intentada contra êle uma acção por prejuizos no total de 100.000 dólares.

Logo que teve conhecimento do facto, Marlene Dietrich declarou-se solidária com o seu realizador, sendo por êsse facto também suspensa.

O conflito não teve até agora qualquer solução. Confiamos, porém, que o bom senso artístico de Sternberg saberá triunfar da intransigência dos produtores americanos.

Carl Dreyer, que se consagrou como autor dessa obra admirável que é «A vida de Joana d'Arc», especializou-se ùltimamente em filmes de ambiente fantástico, género em que tem sido muito apreciado pela crítica estrangeira. Assim, depois de «A estranha aventura de David Grey» realizado o ano passado e que obteve um grande êxito, acaba agora de apresentar em Berlim «O Vampiro», que a Imprensa alemã aplaude como um filme de grande classe.

Não se dissiparam ainda por completo os receios dos que temiam a aprovação da lei Dickstein, cuja conseqüência imediata seria o abandono de Hollywood por tôdas as *estrêlas* de nacionalidade estrangeira, a quem seria negado o direito de exercerem a sua profissão. A Câmara ainda não se pronunciou sôbre o projecto de lei que tão fundo golpe pode vir a vibrar na indústria cinematográfica americana.

A *partenaire* de Charlot em «Luzes da cidade», aquela linda florista cèguinha mais bela do que artista, vai casar-se. Mas não com o próprio Charlot, como a princípio se fêz constar. O escolhido de Virgínia Cherrill é um multi-milionário, um dos homens mais ricos da América.

Charlot foi, mais uma vez, o degrau do êxito...

Para realizar *Atlantida*, o filme baseado no romance de Pierre Benoit que em breve vamos conhecer, Pabst deslocou-se com os principais intérpretes até às regiões inóspitas do deserto do Saharà, onde todos os exteriores foram realizados.

Conta êle que no decurso da filmagem, uma única vez, tentou recorrer a artifícios. E foi quando se pretendia filmar o terrível *simun* do deserto desfazendo na areia os passos dos viajantes. Mandou vir de Argel dois aviões e era com a corrente de ar produzida pelas hélices que se contava obter êsse efeito. No preciso momento, porém, em que começava a filmar-se a cena levantou-se um autêntico *simun* que pôs em grave risco a caravana e os dois aviões. É claro que os operadores não perderam esta oportunidade e a cena que os leitores em breve verão no *écran* é a reprodução duma autêntica tempestade de areia, em tôda a sua grandiosidade.

Clara Bow anuncia para breve o seu regresso à actividade. Vai interpretar um novo filme para a «Fox», mas insiste na afeição que continua dedicando ao seu marido e ao lar.

CINEMA

FRISOS ANIMADOS

Uma dúzia de sorrisos insinuantes, feitos por medida — vinte e quatro pernas de impecável recorte, animadas de movimentos bem ritmados... Eis um friso moderno de *girls*, dêsses que impõem, em filmes como «O Rei do Jazz» ou «Hollywood Review», o encanto da sua graça harmónica.

As *girls* do cinema são, sem contestação, uma admirável invenção americana — a melhor, talvez, que lhes podemos atribuir. É que nunca as *chorus-girls* das revistas londrinas, nem os *ballets* parisienses, haviam atingido essa perfeição rigorosa que as *girls* alcançaram na América. Os americanos descobriram êste princípio de incalculável importância: que uma dúzia de pares de pernas hão-de interessar sempre mais do que um único par. E daí o condensarem requintes de perfeição nêsses grupos de bonecas dóceis e desarticuladas que dançam para nosso divertimento.

A história das *girls* está intimamente ligada ao nome famoso de Ziegfield, o empresário mundialmente conhecido. Foi êle, de facto, o criador dêsses extraordinários corpos de *girls* que invadiram o mundo. Ziegfield industrializou a beleza feminina de modo inimitável. Analisou-a, quási cientificamente, como matéria de exibição. E mereceu, largamente, a invejada qualificação de «maior perito de pernas do mundo».

O que Ziegfield fêz no teatro, realizou-o Mack Sennett no *écran*. Êste admirável inovador criou êsse tipo uniforme que se sintetiza num sorriso comercial, numa cabeleira loura e numa indumentária mínima. E êste facto há-de bastar para que o seu nome seja recordado durante largos anos.

A tal ponto, Mack Sennett e os seus continuadores levaram a perfeição dêsses frisos de esculturais belezas, que conseguiram tirar a cada uma das figuras que o compõem o seu carácter individual. E assim criaram para os seus corpos de *girls* êsse espantoso aspecto colectivo que nos leva a esquecer que detrás daquelas belezas uniformes que se agitam em movimentos iguais e exibem encantos idênticos, existem criaturas distintas que, uma vez terminado o trabalho correm para destinos diferentes, têm preocupações diversas e perseguem, algumas vezes, ambições opostas. Na verdade, porém, quási sempre em cada uma dessas belezas anónimas há um romance, mais ou menos complexo, e uma existência árdua, que nada tem de invejável. A sua vida, extraordinàriamente exaustiva, decorre entre ensaios infindáveis e a mais rigorosa cultura física. Para mais a sua carreira é efémera. Ser *girl* só é possível durante curto espaço de tempo. Os frisos das esculturas animadas exigem, sempre insaciáveis, mais juventude. E a *girl* de hoje ou se transforma àmanhã, pelo poder mágico dum realizador, numa Glória Swanson ou numa Bebe Daniels, ou volta a sumir-se na multidão anónima. Algumas ainda, pouco numerosas, encontram um dia o seu príncipe encantado sob o aspecto vantajoso dum especulador feliz de Wall Street, que juntou milhões. Mas sempre a maioria volta à existência modesta donde saíra, tendo perdido as mais queridas ilusões.

PEGGY SHANNON NUMA LINDA MOLDURA DE FLORES

De entre as dôze, quinze ou mais raparigas que formam um corpo de *girls*, é escolhida a que reüne maior número de qualidades recomendáveis — um sorriso mais sedutor e umas pernas mais perfeitas. A essa é confiada a direcção do grupo. Dá-se-lhe na linguagem pitoresca dos estúdios a designação de *capitão*. É ela a responsável pelos sorrisos e pelo ritmo das pernas do seu grupo. É, pois, a quem compete suportar, pacientemente, os nervosismos e maus-humores do ensaiador.

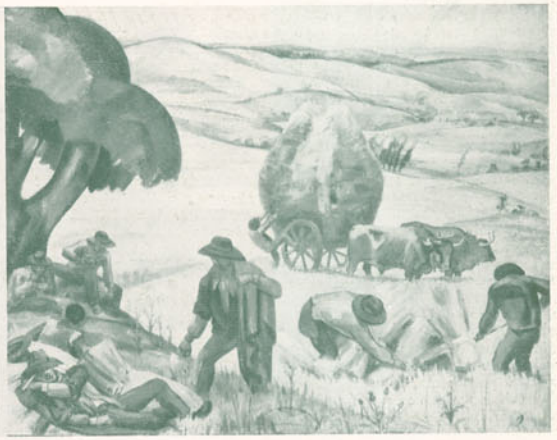
Ser *girl* é a profissão das raparigas ambiciosas. Tôdas as *girls* esperam que o acaso ou os seus encantos façam um dia incidir sôbre elas os olhares dum realizador à procura de intérprete. E animadas por essa esperança, tôdas procuram chamar sôbre si as atenções. Trabalho quási sempre inútil, visto que tôdas tentam o mesmo e tôdas são igualmente belas e jóvens.

Mas ainda quando atingem o seu fim, isto é, quando chegam a despertar as atenções, outro perigo espera a pobre *girl*. É que não se lhe perdoa que saia do seu anonimato. Se numa ou noutra cena ela conseguiu — às vezes à custa dos mais inteligentes esforços — colocar-se de forma de nela se concentre durante um fugitivo instante o interêsse do espectador, lá estão os censores rigorosos da sala da montagem, cujas tesouras inutilizam, impiedosamente, todo êsse diligente trabalho. É a «estrêla» que deve prender a atenção do espectador, que deve monopolizar o seu interêsse. A montagem contribue para atingir êsse resultado suprimindo tudo o que possa ofuscar o seu brilho feito de publicidade. O pavimento das salas de montagem está juncado de ilusões que uma tesourada certeira inutilizou para sempre.

Mas como o fim a atingir é o êxito, a *girl* serve-se ainda, em geral, de outros expedientes de hipotética utilidade, e dos quais raras são as que tiram qualquer proveito. Nos seus momentos disponíveis passeia pelos centros mais concorridos da capital dos filmes, procurando todos os pretextos para se aproximar das figuras mais influentes no cinema. Outras vezes almoça no famoso «Henry's», pagando por uma refeição o valor de uma semana de privações só para, durante algum tempo, poder defrontar as individualidades mais conhecidas. E nêste caso, toma atitudes teatrais, procura tornar-se notada entre tanta mulher linda que a cerca. Cobre-se de *toilettes* caríssimas, produto de pacientes economias ou dum trabalho imenso. Tudo isto por essa porção efémera de glória que a tela oferece aos seus eleitos.

Tal é, pois, dum modo geral, a vida íntima dessas filas de lindas mulheres, que se movem a compasso rigoroso. Embora ingrata e dura essa existência, algumas há que por ela têm ascendido à celebridade. E tanto basta para que todos os dias novas pretendentes surjam, desejosas de se integrar nêsse movimento rítmico e de exibir a maravilha da sua beleza entre tantas outras belezas semelhantes.

ILUSTRAÇÃO



DÓRDIO GOMES

O PINTOR DO ALENTEJO

É mais perigoso do que difícil falar de um amigo que tem profissão aparentada com a nossa. Seja embora de escorregadia responsabilidade, quem não deve não teme, tento na palra, toca de dizer o que se sente.

Vamos falar de Dórdio Gomes, o pintor mais exigente, o mais torturado pela consciência de bom acêrto, o mais pintor de todos os pintores da sua geração, que são numerosos, e muitos de reconhecida valia. Pouco a pouco e cada qual por sua vez, cá virão parar todos ao aparo desta caneta, porque já os trago nervosamente na ponta da língua, para imparcialmente os justiçar, já que Portugal os ignora sistemàticamente e tristemente. Mas por hoje, bem parco é o espaço para apregoar o nome do *único* pintor do Alentejo, mas do grande Alentejo das planícies e montados, que nunca foi visto quanto mais pintado, pelos documentistas pitorescos e anedóticos, que por lá têm cócado pormenores engraçados, alguns dos quais com subtis anotações.

Dórdio Gomes, nado e criado em Arraiolos, para cujo livro de memórias gravou em madeira heróicas e valiosas estampas, há meia dúzia de anos que ali se aprisionou num labor incessante de causar espanto ao menos pasmadiço, como freire que em seu convento só vive para Deus — a sua Arte —, depois de largo tempo ter calcurriado terreiros estranhos, pela França, pela Holanda, pela Itália... Incapaz de uma prostituição ou transigência para mais remunerativo agrado dos bacôcos, é de louvar a coragem com que sua pintura brota sem mácula de alindados ou fraquesas, em meio tão pequeno como o nosso, e de assás tacanho espírito na concepção e resolução dos problemas de arte. Só por isto, bem vistas as condições e as observâncias fatais de rigorismo romântico, o pintor merecia a franca admiração de todos os portugueses que se picam de civilização.

Êste artista de máscula teimosia, é intrìnsecamente o pintor mais alentejano que nossos olhos tem regalado. Mesmo fora do seu torvão, a sua paleta, a sua retina, o seu coração, estremecem de alentejanismo saüdoso. As côres de gamas tristes e angustiosas, dessa paisagem escultural de sobreirais possantes e taciturnos que erguem ao céu os braços desarticulados sustendo colossais ramarias de um verde antigo e enegrecido; as grandes massas laminadas de sol das cearas calmas e extensas como o mar, que de colina em colina, de vaga em vaga, mudam de tom e se fluídam até à sensação de distanciarem o firmamento; a variedade de tonalidades gríseas e arrogadas das charnecas pensativas, que nos encantam e nos fazem mal à alma, como se essas visões melancólicas fôssem a própria saüdade, sempre o pintor as leva nos olhos e no peito de enternecida paixão, para onde quer que vá e a sua arte o atráia. É que Dórdio Gomes é um bárbaro elegíaco, um descontente desejoso de perfeição, que jamais se regosija com as descobertas da sua alma. Ambicioso e tenaz, é o poeta anti-retórico da sua província, que numa técnica rude mas sábia e quási agressiva pela sôma desmesurada de ansiedade, conta, ora em gritos ora em doçuras, tôda a fatalidade moirisca que paira sôbre as terras alentejanas, ou a labuta esfusiante das queimadas e colheitas, em que o homem e os animais atordoados pelas labaredas da luz, sossobram que nem párias batidos pelas insulações e canículas dessas estépais do diabo. A sua paleta não precisa de fantasiosas habilidades; renega-as até persistentemente. A enternecida comoção e a verdade nua e crua, apoderaram-se dela, e num estravasamento formidável de angustiosa reprodução plástica, tem enchido, enriquecido, vivificado centenas de cartões e paineis, estudos ásperos brochados com arreganho, em que a expressão máxima da paisagem murmura ou berra, em lamentos, carícias, cantigas ou clamores, tôda a dôr-amor de um artista sincero,

EM CIMA — O PINTO — A PRINCIPIAR O DESENHO
EM BAIXO — A GOUACHE

que só pela amargurada criação da sua arte, sobre gostosamente o martírio da sua incompreendida sensibilidade.

Dórdio Gomes perante a natureza que o fascina e espanta, sente a mesma abençoada tortura de incapacidade profissional, que levou Cezanne a ser considerado em França um manfaco impotente, quando êle foi o mestre mais poderoso das gerações que ora vingaram. Como as do genial solitário da Provença, as suas obras parece quedarem-se incompletas, com asperidões de inacabamentos atormentados, com esfrangalhadas pinceladas de afirmação irritante, numa sofreguidão assombrosa de querer atingir em grandes sínteses os panoramas ou imagens grandiosas da terra, proporcionando, sem êrro de medida ou valor, a figuração mèramente episódica com o ambiente, que as reclama como pontos de *rapport* para maior expressividade.

Dórdio Gomes não brinca quando pinta, nem se engana a si nem aos tôlos com geitosas habilidades mercenárias. A sua pintura, viril e recortada, sentida e sofrida profundamente, sem atavios de môça fraldiqueira que anda aos homens, precisa de ser vista, para ser amada com paixão, na própria terra em que nasceu, no ambiente que a sugeriu e lhe serviu de modêlo. Em Lisboa, em Londres ou Nova-York, ela chocará os críticos finos, contundirá a epiderme dos entendedores paposecados, como lôbrega selvagem a explicar-se com as palavras tôdas. Na realidade ela é ultra-civilizada porque é verdadeira e sensível, moderna e pessoal, culta e de formosura saüdável, anti-académica, anti-sistemática, anti-mentirosa.

Dórdio Gomes tem predilecções por certas côres e certos motivos, porque essas côres e êsses motivos são do Alentejo e da sua emotividade: — sépia queimada, azul prússico, verde húmido, almagre, ocre térreo, oiro velho e prata oxidada, consentem às vezes uma ou outra nota álacre, branco de cal ou vermilhão puro, como dissonâncias intencionais para maior realce do desenho valorizado, com que sublinha a bistre as atitudes simultâneas dos contrastes. Na sua arte de aspecto agressivo, a tonalidade geral não sofre uma cuidada vigilância e um apuramento de harmonia nos valores ou nos volumes. É que a composição, e sobretudo a construção dos seus quadros, podendo ferir à primeira vista pelo que de inédito revelam, são de uma solidez sem teatralismos, quando calha um tudo nada infantil, mas sempre proporcionada, harmónica, violenta até à rudeza.

Os seus pastores de ceifões e capote pinhão; os malteses vestidos côr de azinho que correm à apanha da azeitona e se enroscam em mantas raiadas; as feiras e caçadas de movimentados recortes; as velhas lendas regionais e quási bíblicas; os rebanhos, as varas e sobretudo os grandes amotinados de éguas e pôldros, com que o nosso pintor se compraz em compôr difíceis painéis, só de linhas e de *pâte* voluptuosa, e onde a sombra dos carvalhos ou sôbros joga com importância a relação entre a côr e os volumes, são tudo motivos maravilhosos da grande decoração que a Câmara Municipal de Arraiolos lhe encomendou, e que o artista concluiu com carinhosos cuidados de profissional.

Essas telas, últimamente expostas nas Belas Artes servem-nos para aplaudir a Comissão Executiva dêsse Município, que, com poucos recursos soube, pelo seu louvável e raro gesto, dar um grande exemplo, que lastimoso é não seja repetido por outros mais afortunados, já que tantos artistas de outras províncias nem pelos seus conterrâneos são ajudados. Honra e louvor ao município arraiolense!

E a Dórdio Gomes, que no seu modesto *atelier* de além Tejo, tanta alegria e entusiasmo deu aos viandantes que o topavam em boa hora de trabalho, o abraço fraternal do

C. de Mafamude.

Solilóquios e Comentários

Vai reünir-se em Lisboa, no próximo mês de Setembro, um congresso de gastronomia. Achamos bem. É a única maneira da verdadeira cozinha portuguesa tomar na gastronomia europeia o lugar que lhe compete. Um dos congressistas deve ser o sr. Escoffier, autoridade indiscutível e autor de livros de culinária que tôda a gente conhece. Pois em *Le guide culinaire*, que Flammarion publica, não há prato à portuguesa que nos não seja absolutamente desconhecido. Todos levam tomate e quási todos pimentos. Acreditamos que é pela junção dos pimentos com os tomates, o vermelho e o verde que êles conhecem a nacionalidade do pitéu. Resultado: é execrável a tal cozinha à portuguesa, vista de França, e em boa hora venha o congresso para sua completa reabilitação.

*

Algumas receitas ou a cozinha portuguesa vista da França:

Manteiga à portuguesa.

Pisar num almofariz 3 gemas de ovo cozido com 150 gramas de manteiga e juntar um decilitro de calda de tomate, sal e pimenta. Passar na peneira e juntar uma gôta de carmin se a côr não estiver bem viva. Temperar com sal e pimentinhas do Brasil.

E chama-se a esta ignóbil bodega — manteiga à portuguesa!

*

O *purée* português é uma mixórdia que leva 700 gramas de tomate, 10 gr. de açúcar e 200 gr. de manteiga de tomate; o *frango* tão simples da nossa cozinha aparece mascarado com arroz, calda de tomate e rodeado de 10 meios tomates. Os filetes de vaca à portuguesa são servidos com môlho tártaro e tomates recheados; as batatas à portuguesa levam laranja, uvas de Corintho e xarope perfumado; a *omelette* à portuguesa é coberta de uma colher de massa de tomate. Em volta um cordão de môlho de tomate barrado de manteiga. Tudo isto vem no *Larousse* da culinária que é o livro do sr. Escoffier. Ora por acaso estas mamarrachadas são cozinha à portuguesa? Têm alguma coisa de comum com o que em Portugal de Caminha ao Cabo de Santa Maria e do Cabo da Roca a Marvão se come? Que responda quem puder.

*

Há no volume *Le guide culinaire* uma receita portuguesa que tem carácter histórico. É a do *Faisão à moda de Alcântara*. Esvasia-se o faisão pela frente, recheando-o de bons figados de pato, misturados de quartos de trufas cozidas em vinho do Pôrto. Conserva-se três dias em vinho do Pôrto de maneira que êle fique bem coberto sempre. Coze-se depois numa caçarola. (A receita original diz no espêto, mas na caçarola é melhor). Do vinho do Pôrto que serviu para ensopar o faisão aproveita-se parte. Junta-se-lhe uma dúzia de trufas, não muito grandes, coloca-se o faisão sôbre as trufas e aquece-se durante dez minutos. Esta última parte da receita pode ser substituida com vantagem pela «à Souwaroff»; o que quere dizer que o faizão e as trufas se colocam n'uma terrina, regam-se com vinho do ensopado e junta-se-lhe caldo gelado de caça com manteiga barrando o faisão. Fecha-se a terrina e leva-se ao forno.

O mais curioso é a nota que acompanha a receita: «Esta fórmula provém do famoso convento de Alcântara. Sabe-se que, no comêço da campanha de Portugal, em 1807, a biblioteca do convento foi pilhada pelos soldados de Junot, e que os preciosos manuscritos que êle continha serviram para a preparação de cartuchos.

Ora deu-se o caso que um comissário

da administração militar assistindo a esta operação encontra entre uma colecção de receitas conservada pelos frades esta que aqui damos e que se aplicava sòmente às perdizes. Pareceu-lhe interessante e quando voltou a França, no ano seguinte, enviou-a à Duquesa de Abrantes que a publicou nas suas *Memórias*. Foi certamente a única coisa aproveitável que os franceses tiraram desta malfadada campanha, diz com infinito espírito o sr. Escoffier, e mostra que o figado gordo e as trufas de tempos imemoriais conhecidos no Languedoc e na Gasconha o eram também conhecidos na Estremadura portuguesa, onde ainda hoje se encontram trufas que não são nada para desprezar.

E foi preciso meter nisso a História para que alguma coisa se aproveitasse.

*

«Ruim he o que em pouca conta se tem; de mim sey dizer que sempre quiz valer, fosse por aqui, ou por aly», escreve Martins Afonso de Miranda em 1600. Penso como êle. Se eu me tenho por insignificante, se eu por acaso penso assim, como demónio podem os outros ter por mim a consideração que eu sou o primeiro a negar-me?

*

Há nos sonhos muita realidade. É talvez para compensar a parte que na realidade o sonho tem.

*

Há alguns homens que quando o bigode lhes embranquece o deitam abaixo, sendo a única causa dessa decisão, o ter êle embranquecido.

Deixam de ter cara de velhos para passarem a ter cara de velhas.

*

«Revolvei a vossa casa, buscai a coisa mais vil de tôda ela, e achareis que é a vossa própria alma», prègou António Vieira.

.....

Pode dizer-se de muitos homens e de quási tôdas as mulheres.

*

«A calúnia e o falso testemunho faz endoidecer o sábio».

O sábio e o bruto.

*

Que «da calúnia alguma coisa fica», diz o povo. Fica no caluniado o desejo de agarrar quem lhe inventou tão lindas coisas, e atirar com êle, ou com ela, o sexo é indiferente, de um 4.º andar abaixo, pela janela, ou pelo corrimão da escada. Como se vê, não sômos exigentes, pois há quem deseje para pôr em prática esta vingançasinha, um arranha-céus de Nova York ou a Tôrre Eiffel. É que nós, além de modestos, sômos patriotas, e conhecemos em Lisboa inúmeros prédios aptos para o efeito.

*

No Sanatório da Ajuda morreu em Março último, tuberculoso, o escultor Tomaz Costa. Ninguém deu por isso. Admiremos a nossa terra e o nosso tempo. Que imenso grau de estupidez não é preciso atingir, que maçissa dóze de indiferença pelos seus artistas não é preciso acumular, para que a morte de um homem como Tomaz Costa passe sem que ninguém dê por tal!

*

Leio em Fialho: «Tossindo dez anos, lutando vinte, tendo esperança quarenta, e afinal gastando a vida tôda a morrer!» Mas não é essa a vida de meia cidade, a vida dos que não têm automóvel, e só conhecem o bairro das Minhocas e suas adjacências? Pois não tenham dúvidas que *Êles* um dia hão-de se fartar. E virão reclamar o seu quinhão de direito à vida. À vida que uns puxam tôda para si, quási não deixando aos outros um farrapo para a viver...»

Albino Forjaz de Sampaio.

UM GRANDE ESCULTOR

Tomaz Costa, os seus bustos, as suas estátuas e os seus desenhos. A Arte dum grande artista que notabiliza o seu país

O escultor Tomaz Costa, Tomaz de Figueiredo de Araújo Costa, que morreu esquecido a 27 de Março último no sanatório da Ajuda foi um dos nossos escultores mais ilustres.

Nasceu em S. Tiago de Riba de Ul, concelho de Oliveira de Azemeis, em 1861 e os seus estudos foram feitos na Academia Portuense de Belas Artes com Soares dos Reis, de onde em 1885 saiu como pensionista do Estado para Paris onde completou a sua educação artística com Alexandre Falguière, Antonin Mercier e L. Marqueste.

Em 1887 expôs no *Salon* o *Tamborileiro (Danseur au tambourin)* que lhe deu grande aura que foi confirmada plenamente na exposição de Paris de 1889 onde obteve uma 3.ª medalha e que foi adquirida para o Museu de Arte Contemporânea onde se conserva.

Em 1890 o *Salon* acolhia as suas obras *Dr. Melo Viana* (busto) e *David ainda criança*, e em 1891 a sua estátua *Eva*.

Todos êstes trabalhos chamaram sôbre o seu nome uma grande notoriedade, grande e merecida pois Tomaz Costa impunha-se como um dos futuros grandes e triunfadores da arte portuguesa.

De então para cá a sua carreira, sem ribombos de rèclame, nem trinotroâncias de adjectivos, foi tôda uma grande afirmação de talento e de trabalho.

Obteve sucessivamente medalhas de oiro e prata nas exposições de Paris, Barcelona e Rio de Janeiro, 1.ª medalha na Sociedade Nacional de Belas Artes e menção honrosa no *Salon* de Paris.

Fêz o busto de António Nobre que na 2.ª edição de *O Só* o preferiu aos muitos retratos que tinha, fêz o busto de António Cândido que é uma grande e notável obra de arte, fêz o busto da Condessa do Cartaxo e entre as suas estátuas figuram a do Infante D. Henrique no Pôrto, que foi inaugurada a 19 de Outubro de 1900,

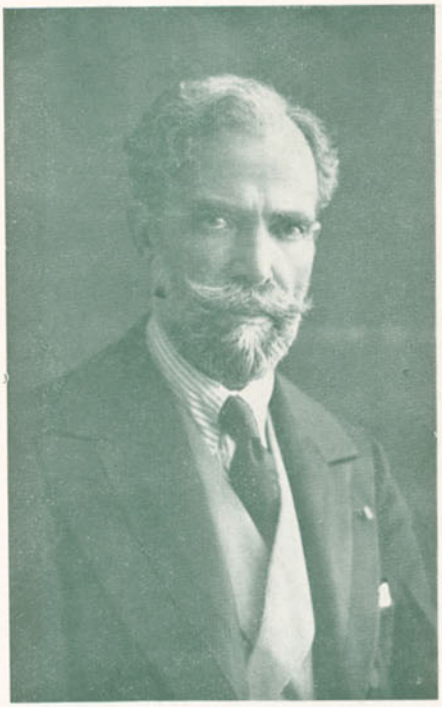
CABEÇA DE MULHER
(Desenho inédito)

tendo sido a primeira pedra lançada por ocasião das festas do centenário henriquino em 1894.

Êste monumento pelo qual o artista foi feito comendador de S. Tiago é dos mais artísticos e interessantes da cidade do Pôrto. Seu é também o monumento ao marechal Duque de Saldanha na praça do mesmo nome em Lisboa, monumento de que em 1904 se lançou a pedra fundamental.

Tomaz Costa tem também um artístico e curioso retrato de Alberto de Oliveira no livro *Palavras loucas* e fêz durante muito tempo pintura, desenhando também como os nossos leitores podem vêr na *Cabeça de mulher* que êste artigo acompanha.

Tomaz Costa concorreu às exposições



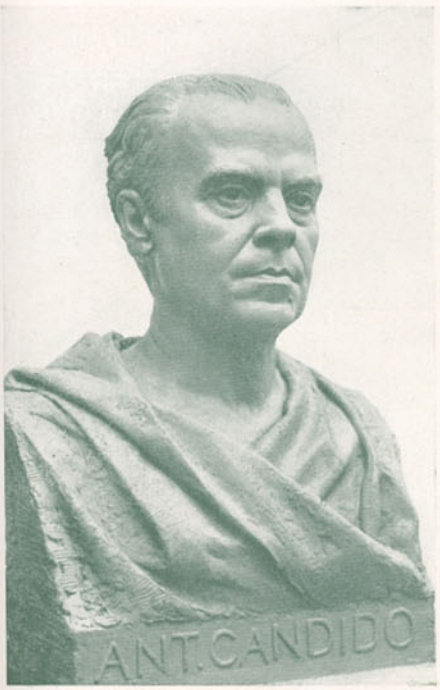
TOMAZ COSTA

da Sociedade Nacional de Belas Artes e em 1906 expôs uma estátua de bronze, *David*; em 1913 outras em mármore de Carrara *Hébé*, *Venus Anadiomène* e *República*. Suas são também uma *Cabeça de criança*, *David* e *A Agricultura* com que concorreu à Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908.

Artista notável, superior, sob todos os pontos de vista porque se encare, Tomaz Costa foi de uma modéstia que assombra.

Não freqüentava jornais, não cortejava críticos, não parava em cafés, não fazia parte de grupos ou *cotteries*.

Trabalhou, trabalhou sempre, sem descanso e talvez sem esperança de vir



O BUSTO DO GRANDE ORADOR ANTÓNIO CÂNDIDO

BUSTO DE MULHER

UMA DAS SUAS ESTÁTUAS MAIS CONHECIDAS

a ser bafejado pela Fortuna, êle que morreu esquecido e paupérrimo.

E surprêso devia êle ficar de vêr que alguém se ocupava de si e da sua obra, de si de quem êle talvez já se nem lembrava e da sua obra que a história da arte portuguesa não poderá esquecer.

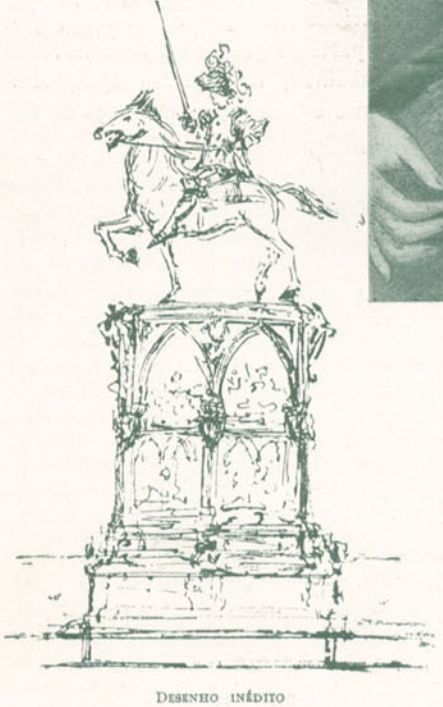
Tomaz Costa foi um grande, um notabilíssimo artista e a sua obra o proclama.

Foi de resto um artista completo. Fêz óleo, desenhou excelentemente chegando até a expôr nesse género, fêz água forte, e foi o escultor que todos conhecem. Quanto mais não bastasse para o impôr sobejavam o seu busto de António Cândido, busto clássico, com a beleza e a sobriedade de uma forte obra de arte dos melhores tempos de Roma, e o busto do poeta António Nobre, hoje clássico também na iconografia do magnífico e torturado artista de *O Só*.

Tomaz Costa viveu muito em

A VITÓRIA
(Figura do monumento ao marechal Duque de Saldanha)

CANÇÃO ANTIGA *(água-forte)*



DESENHO INÉDITO

Paris, mas o seu temperamento misantropo obrigava-o a ser uma criatura àparte, vivendo entre raros, dando-se pouco, sonhando mais, trabalhando sempre. A sua vida entre nós nos últimos tempos repartia êle entre o seu *atelier*, na cêrca do Liceu de Camões e um quartinho alugado na Rua de Joaquim Bonifácio. Lutava com inúmeras dificuldades monetárias, orgulhosamente, sem mostrar precisão, mas de crêr era que, nestes duros tempos que correm, êle, o artista notável que o seu nome perpetuou no mármore, nem sempre tivesse o que mais indispensável é à vida.

*

O homem passou. A obra essa fica. E porque assim é, nós lhe prestamos homenagem, uma pequena parte da que em letras eternas o futuro lhe consagrará como a um dos honestos e dos grandes da nossa estatuária.

O BUSTO DO POETA ANTÓNIO NOBRE

A HISTORIA DA AVENIDA DA LIBERDADE

O elucidativo documentário citadino que, pela oportunidade publicamos nesta página, acaba de nos ser enviado pelo antigo funcionário municipal sr. Raposo Botelho, nosso presado colaborador e técnico que muito se tem dedicado a estudos de urbanização e melhoramentos de Lisboa.

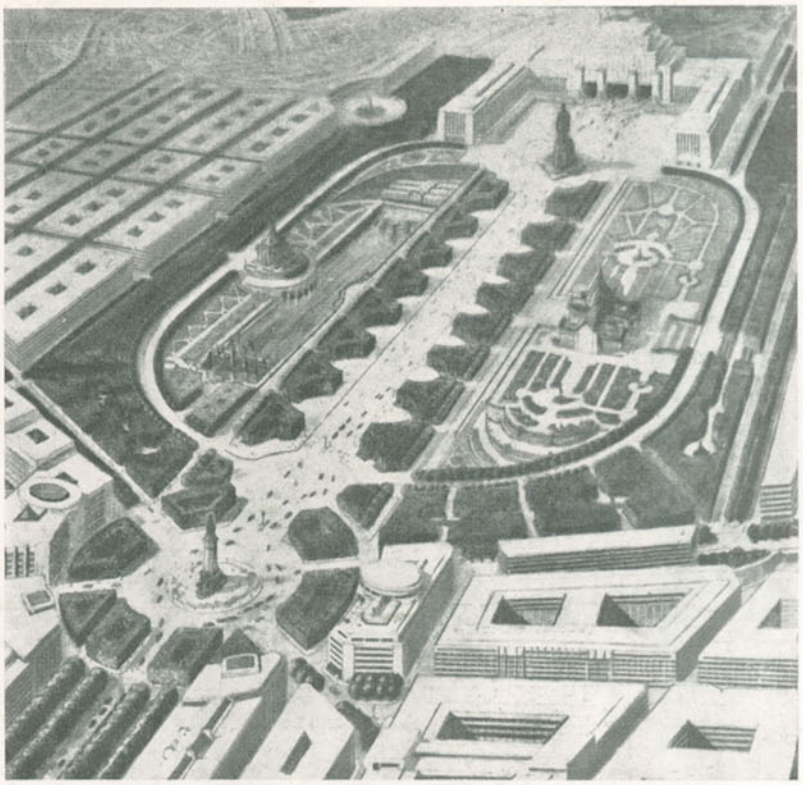
«Má foi, por certo, a escolha do local, quando se plantou o Passeio Público, obra logo na sua origem incompleta. Os montes, ou eminências de S. Roque, continuando com as alturas da Cotovia, ao poente, e de Santa Ana, ao oriente, deixam, entre as suas faldas, uma nesga de terra, prolongamento do vale em que assenta a formosa cidade baixa. Neste terreno, onde remotamente houve verdes hortas, e em que se nivelou um paralelograma plantado de árvores alinhadas a cordel, e de banquetas de buxo e louro tosquiados, nos intervalos de árvore a árvore, com uma rua larga ao meio, permitindo o trânsito a carruagens a par, fechado de muralhas forradas de heras e de arbustos, rôtas a espaços, com janelas engradadas de varões de ferro, como as duma prisão, e orlado, pelos dois lados, com as paredes de casas, foi onde se constituiu o primeiro jardim público da cidade. Monótono pela sua enfadonha regularidade, destituido de ornamentos próprios, sombrio pelo copado do arvoredo, melancólico pela situação, com o seu aspecto verdadeiramente claustral, mais parece um retiro de monges, do que a desenfastiada diversão dos habitantes duma capital populosa como Lisboa».

Assim se descreveu, há quási um século, o antigo Passeio Público, pelo qual o injusto alfacinha se amotinou, ao ver o justiceiro camartelo derrui-lo, para, em seu lugar, abrirem a mais bela Avenida de Portugal!

Tão grande melhoramento urbano, que, depois da emprêsa de Pombal, não foi excedido, deve-se ùnicamente ao probo Rosa Araújo, o benemérito máximo da cidade, a quem a edilidade só agora vai ter a nobreza de preitear, e que, rico era e pobre ficou, por tanto amar Lisboa!

Há pouco mais duns cinqüenta anos, quando se viam à testa dos serviços técnicos municipais, funcionários da envergadura de Ressano Garcia, José Luís Monteiro, Renato Baptista, César dos Santos, António Maria de Avelar, e tantos outros, elaborou-se o traçado duma avenida de noventa metros de largo, com três vias para veículos e duas ordens de placas ajardinadas, para peões, que era delimitada nos topos, por praças de formas geométricas diferentes — a do sul rectangular, a do norte, circular — antepondo-se a esta última, uma parcela de eminentes terrenos onde, depois, o notável arquitecto-paisagista francês M. Lussaus, sob dados topográficos de Goullard, traçou um magnífico parque, fechado pela mais custosa gradaria.

Foi no ano de 1879, que arrostando com tôda a arruaça popular, se pôs em execução o rompimento dessa alameda, começando-se por demolir o muro, derrubar as árvores e desmontar os ornatos do antigo Passeio Público, e a seguir — para dar continuidade aos trabalhos por perímetros, onde Eugénio dos Santos já tivera a vidência de esboçar a continuação da Baixa pombalina — foram apeados os edifícios dos teatros das Variedades e do Salitre, e alguns dos melhores prédios da Praça da Alegria.



ESTUDO RACIONAL DO PROLONGAMENTO DA AVENIDA DA LIBERDADE, ELABORADO SÔBRE NORMAS DO NOTÁVEL URBANISTA FRANCÊS FORESTIER, QUE EM TEMPOS NOS VISITOU, PELO NOSSO MAIS ESPECIALIZADO ARQUITECTO-PAISAGISTA SR. CRISTINO DA SILVA

Ainda não tinham decorrido oito anos dessa data inaugural, e já se debatia, com afinco, o importante problema do prolongamento, até um eminentíssimo planalto junto aos muros da antiga Estrada da Circumvalação, da então baptisada Avenida da Liberdade.

A polémica estabelecida nesse momento, no *Diário Popular*, no *Espectro da Granja* e na *Gazeta Comercial* — onde o articulista trocava sempre, com malícia, o nome de Rosa Araújo, pelo de José Gregório, o «Cócó» — foi por tal maneira virolenta e alcivosa, que levou Miguel Carlos Correia Pais, ao envolver-se também, nesse debate, a escrever: — «Que feliz seria o mundo, tão cheio de infamias, de violências, de crimes, de invejas e de ambições desregradas, se os homens não tivessem só a acusar-se de defeitos?!»

Foi êste mesmo Miguel Pais — um dos engenheiros mais notáveis do seu tempo — que publicou, em 1887, um opúsculo intitulado «Melhoramentos de Lisboa», no qual, reforçado por uma representação de mais de oitocentas assinaturas dos nossos homens mais representativos, defendia o ponto de vista do prolongamento da Avenida da Liberdade, até ao já referido planalto formado no tôpo do actual Parque Eduardo VII, e alvitrava êstes pontos primordiais de alterações a fazer no projecto primitivamente elaborado pelo Município:

1.º — Prolongar — com a mesma largura — a Avenida da Liberdade, até à estrada da circunvalação antiga.

2.º — Estabelecer, nesse ponto culminante, uma rotunda igual à projectada nas terras de Vale do Pereiro.

3.º — Construir no centro dessa mesma rotunda, o monumento ao Marquês de Pombal.

A justificar êstes três acertados alvitres, fêz as seguintes considerações: — — «Se o prolongamento da Avenida da Liberdade até a essa cumeada, se devia efectuar, mesmo quando a cidade terminava na anterior linha de circunvalação, com quanta mais razão o deve ser agora que, pelo actual alargamento de Lisboa, aquela cumeada fica aproximadamente no centro da linha norte-sul que a delimita: o seu fim principal é o engrandecimento da mesma avenida, e para veículos leves, a inclinação de 0m,06 não é demasiado violenta. Do referido cume e da respectiva rotunda que se lhe seguir, há saídas para os lados de Campolide, de S. Sebastião da Pedreira e Campo Grande. Basta gozar-se dali o mais esplêndido panorama de Lisboa e das cumeadas e vales que a cercam, para que deva ser prolongada a Avenida.»

E, para fechar com chave de ouro, êste esclarecedor período, conta, com ar profético: — «O meu prezado amigo João Anastácio de Carvalho, disse-me a última vez que falámos sôbre êste assunto: «o prolongamento da Avenida há-de executar-se por fôrça, não tenha dúvida, se não fôr agora, como deve ser, sel-o-á no futuro».

Os fados mais uma vez se cumpriram. Pelo visto, a Domus Municipalis Ulissiponense, obedecendo a um traçado do distinto arquitecto Cristino da Silva, vai prosseguir êsse côrso até àquele planalto eminente de Lisboa!

ACTUALIDADES

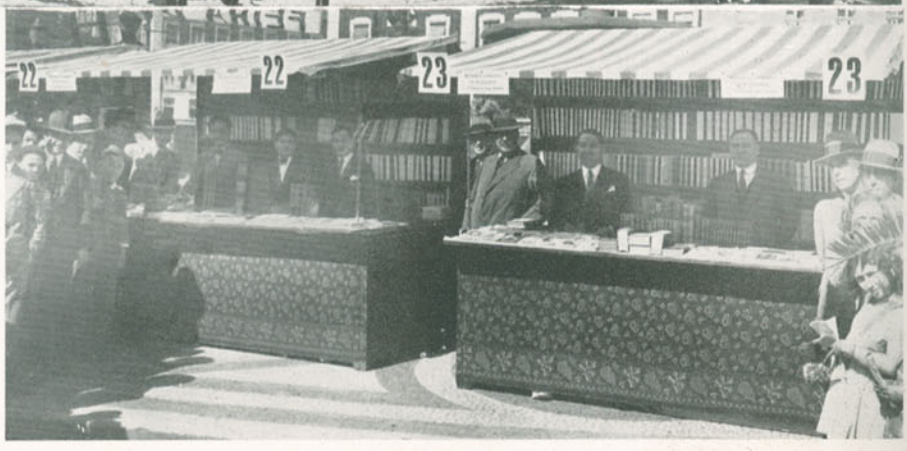
Duas conferências

O sr. dr. Jaime Cortezão, poeta e historiador distinto, realizou em Madrid, a semana passada, duas conferências subordinadas aos títulos seguintes: «Leis económicas e sociais, Extensão geográfica da ciência náutica» e «A missão universitária dos povos peninsulares».

A primeira — segundo se vê na nossa gravura — foi presidida pelo decano da Universidade Central daquela cidade, sr. D. Manuel Garcia Morente e pelo catedrático da Universidade de História Americana, sr. D. António Ballesteros.

A Feira do Livro

Em pleno Rossio, em volta dum dos seus artísticos lagos, vêem-se, desde quarta-feira passada, trinta e três barracas que vendem livros e que constituem a II Feira do Livro. É um magnífico certame que fica bem na Lisboa moderna, na Lisboa que lê, na Lisboa que se instrui. De entre as barracas — tôdas elas de formato igual — é justo destacar as que possuem o n.º 22 e 23, já pelo valor dos autores das obras que se vendem, já pelos valiosos prémios que oferecem ao comprador.



Nas compras efectuadas, êstes *stands* distribuem volumes de alto preço; é certo que alguns do valor de 10 escudos, mas muitos de 50, 100, 300 e até de mil escudos, como, por exemplo, a célebre *História Universal de Onken*, que consta já de 18 volumes. Além dêstes prémios são distribuidas aos compradores senhas numeradas, cujo número será sorteado pela próxima lotaria de Santo António. Aos três números correspondentes aos três primeiros prémios da lotaria sáem, ao primeiro, três mil escudos de livros, à escolha do premiado, ao segundo, mil escudos, e ao terceiro mil escudos.

É um atractivo valioso que incita o nosso público à compra de livros que o instruem e lhes ministra cultura literária.

Sportos

A QUINZENA DESPORTIVA

As hostes do atletismo internacional têm andado sèriamente alvoroçadas com os casos escandalosos de profissionalismo averiguado nas mais fulgurantes «estrêlas» que iluminam as pistas com suas proezas.

Depois da desclassificação de Ladoumègue pela Federação Francesa, que tantas discussões e críticas provocou, levantou-se na Federação Internacional um caso Nurmi, ainda mais complicado do que o primeiro.

O problema resume-se em poucas palavras: os dirigentes alemães acusaram Nurmi de haver praticado actos de profissionalismo, fornecendo à F. I A. provas concludentes a tal respeito; convocado, de urgência, o Conselho Director da Internacional, pronunciou êste a desclassificação do fenómeno finlandês e transmitiu o «dossier» à Federação Nacional do seu país estipulando-lhe um prazo para continuar a decisão que haviam adoptado.

Mas sucedeu então um caso estranho: a Finlândia precisa de Nurmi para os jogos de Los Angeles e achou duro sacrificar o seu melhor elemento no altar do amadorismo, quando tantos outros igualmente culpados continuam impunes. Nesta ordem de ideias, declarou inocentemente que no «dossier» nada encontrara que justificasse sanção tão dura e recusou-se a desclassificar o seu corredor.

Só então a Internacional reparou que nos seus estatutos nada havia que lhe permitisse punir os atletas contra a vontade das respectivas Federações, e suspendeu o castigo de Nurmi até ao seu próximo Congresso a efectuar em Los Angeles, com certeza depois dos Jogos, onde o finlandês se apresentará com o imaculado arminho do seu amadorismo insuspeitável.

O mais curioso é que a imprensa francesa volta agora a insistir na necessidade de enviar, de qualquer forma, Ladoumègue aos Estados Unidos, suspendendo-lhe também o castigo até depois da data necessária.

Invocam, para fundamento da alteração do castigo, a nebulosidade que ficou pairando sôbre determinados factos do campeão e que necessitariam de um suplemento de inquérito.

Comédia, tudo uma deliciosa comédia!

UMA FASE DO PORTUGAL-FRANÇA EM BASKET, JOGADO EM PARIS

* * *

Os dirigentes do «foot-ball» português, acorrentados à obrigação de terminar as suas provas oficiais antes do início de Julho, e embaraçados por outro lado no confuso torneio oficial lisboeta, ainda por concluir e sobrepondo-se ao campeonato nacional, resolveram dar fim aos seus torneios efectuando jogos a meio da semana, visto serem insuficientes os domingos disponíveis.

O caso tem passado sem crítica, o que nos causa bastante estranheza. A imprensa desportiva que tanta vez tem levantado seu clamor de protesto contra os excessos dos dirigentes, recebeu êste, dos piores, com absoluta serenidade.

Se atendermos à dureza das competições em jôgo, ao esfôrço já de si violento que representa a disputa de uma partida de «foot-ball» e ainda à época adiantada do ano, o regime dos encontros bi-semanais não pode encontrar a mínima justificação e representa um lamentável sacrifício imposto aos jogadores, sem haver ponderado como de direito os seus interêsses físicos.

O desporto assim praticado deixa de ser um benefício orgânico para representar apenas um factor ruinoso de efeitos nefastos, tanto mais que os rapazes praticando o «foot-ball» são, na sua maioria, operários e trabalhadores de misteres pesados, que não podem recuperar com rapidez o dispêndio considerável de energia correspondente a uma luta de campeonato.

Eis um argumento mais, pugnando pela necessidade de regulamentação oficial do desporto, tantas vezes solicitado debalde. Quando os dirigentes sacrificaram assim o interêsse da individualidade a uma necessidade regular, é indispensável que um poder superior possa interferir, lançando o veto sôbre todos os jogos que provoquem nos jogadores fadigas condenáveis, porque excessivas.

* * *

Inaugurou-se na Avenida da Liberdade, no dia 15 de Maio, o monumento a Luís Monteiro, o percursor da campanha da educação física e introdutor da ginástica em Portugal. A festa, porque de uma festa particularmente grata a todos os desportistas se tratava, decorreu com grande brilhantismo e provou

O F. C. Barreirense, campeão de Lisboa em basket

quanto se desenvolveu no nosso país o ideal lançado pelo glorioso Luís Monteiro.

Presidiu a cerimónia o sr. Presidente do Ministério, acompanhado pelos srs. Governador Civil e presidente da Câmara Municipal, fazendo-se também representar o sr. general Carmona.

A homenagem prestada desta forma ao homem que foi o apóstolo prègador de uma verdade nova, consagrada pelas mais altas individualidades oficiais do país, revestiu características de uma glorificação nacional que abrange não só a memória de Luís Monteiro, como o princípio inspirador de tôda a sua obra.

Fica demonstrado que no espírito dos governantes públicos a educação física e a prática desportiva, que é seu natural complemento, representam um benefício para a raça, digno de aprêço e merecedor de apoio.

Infelizmente registamos que as melhores intenções se apresentam muita vez mal interpretadas e resultam ineficazes na prática porque são aplicadas ao sabôr de fantasiosos caprichos. A mocidade portuguesa está necessitando de um método de cultura física activante das energias e não espiritualisador dos músculos.

Se Luís Monteiro tivesse sonhado nos seus tempos de luta que um dia lhe transformavam a ideologia de perfeição física numa gimnástica da alma, quanto não sofreria no seu entusiasmo de precursor a quem deturpam o objectivo.

Oxalá o espírito sublime de Luís Monteiro, consagrado há dias pelos dirigentes do país, lhes ilumine o cérebro levando-os a fornecer à nossa gente môça uma gimnástica que vise mais alguma coisa do que o ensino da marcha, que as crianças portuguesas já executam em regra aos dez meses.

*
* *

Após o *rugby* e o *basket*, terminou também seu torneio regional o *hockey*, consagrando a vitória agradável do Club Internacional de Foot-ball.

O Benfica, detentor do título em anos consecutivos desde a criação da prova, foi desta vez apeado do pedestal que já devia considerar como coisa sua. No entanto nenhum dos grupos afirmou vantagem directa sôbre o outro, pois no seu único encontro oficial empataram a 1 bola; a classificação final foi decidida pelos resultados com os restantes adversários.

Pode portanto afirmar-se que o velho C. I. F. conquistou os seus louros mercê de uma maior regularidade, terminando o campeonatos sem sofrer derrota, e apenas com dois empates concedidos ao Benfi ca e ao Barrei rense.

Paavo Nurmi
amador e profissional

O *goal-average* dos alvi-negros é dos mais notáveis, pois acusa um activo de 36 *goals* contra um único que lhe foi apontado pelo Sport Lisboa.

Os vermelhos perderam o título deixando-se bater pelo Hockey e pelo Luso, respectivamente 4.º e 6.º da classificação geral.

Dos desportos em campo apenas o *foot-ball* não conseguiu ainda arrumar o seu campeonato, que um empate final Sporting-Belenenses obrigou a ser prolongado por mais uma semana.

Uma nova modalidade, o *hand-hall*, vindo da Alemanha onde gosa uma extraordinária simpatia pública, está ao presente disputando o seu primeiro torneio oficial, que deve concluir para fins de Junho. O facto é aceitável por êste ano, visto tratar-se de uma estreia, mas deve de futuro ser evitado iniciando as provas em data mais atrasada.

*
* *

Durante a quinzena duas apresentações nacionais se foram bater a terras estrangeiras, em *basket* e *hockey* em patins de rodas.

O grupo português que concorreu ao campeonato da Europa de *hockey* em patins, disputado em Inglaterra, inscrevendo-se pela terceira vez, conseguiu resultados agradáveis, falhando inexplicàvelmente perante a *equipe* francesa.

Tendo obtido contra as *equipes* de Inglaterra e Alemanha, as mais fortes, *scores* honrosos em que a derrota resultou da escassa diferença de dois e um *goal*, batendo com acentuada vantagem a Suíça e a Bélgica, a representação portuguesa sofreu da França que só podem ter explicação num descalabro moral.

Devemos regosijar-nos pela forma como agiram os jogadores portugueses, merecendo elogios da crítica e sabendo equilibrar-se numa competição de tão grande relêvo. Esperemos que o desporto da patinagem, agora mais movimentado, adquira na nossa terra um desenvolvimento suficiente para garantir um progresso pela afluência de jogadores e freqüentadores de provas.

O jôgo de *basket* Portugal-França, disputado em Paris, terminou pela vitória do adversárfio 52-33, descriminados em 24 cestos e 4 livres, contra 15 cestos e 3 livres. Ao fim do primeiro tempo o *score* de 38-12 contra nós.

Os jornais franceses, embora façam elogiosas referências ao jôgo português cuja maior deficiência parece haver sido uma falta de remate, estranham a apatia francesa durante o segundo tempo, totalmente oposta à cadência imposta até então. Esta estranheza acompanha-se mesmo de certo tom de censura, insinuando claramente que durante o intervalo os jogadores tricolores receberam dos seus dirigentes ordem de poupar o marcador.

Salazar Carreira.

O grupo do C. I. de Foot-ball, vencedor no campeonato de Lisboa de hockey

Concurso Fotográfico entre Amadores organisado pela "ILUSTRAÇÃO"

171 — MARINHEIRO IMBERBE... — *(Foto do sr. A. Cunha — Lisboa)*

174 — PROCISSÃO DE ALDEIA — *(Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)*

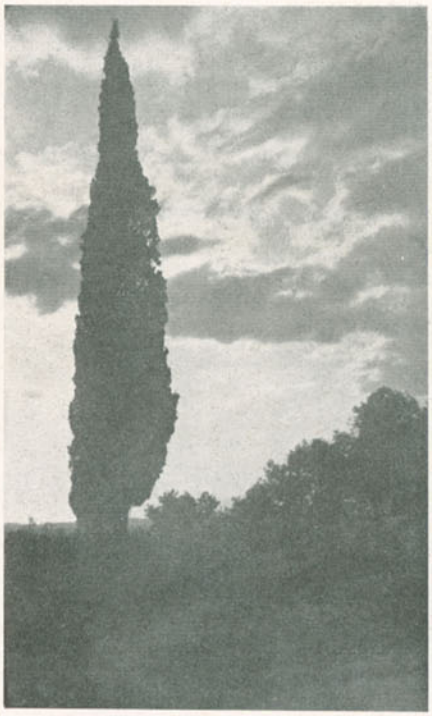
172 — SANTA MARGHERITA ZIGURIA — *(Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)*

175 — CALCETEIROS — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)*

173 — O MEU SOBRINHO — *(Foto do sr. José Thomaz da Silva — Lisboa)*

176 — RIBEIRA DE S. JOÃO — *(Foto da sr.ª D. Maria Helena Pissarra — Lisboa)*

177 — BUM! BUM! — *(Foto do sr. António Martins — Pôrto)*



178 — Cipreste — *(Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)*

181 — Lendo... com atenção! — *(Foto do sr. Humberto Pedro Vieira — Lisboa)*

184 — Preto e branco — *(Foto do dr. Salazar Carreira — Lisboa)*

179 — Idílio infantil — *(Foto do sr. Baltazar dos Santos Cordeiro — Lisboa)*

182 — Cais de Alcantara — *(Foto do sr. Mário Araujo Serra — Lisboa)*

185 — Marinheiro de água doce — *(Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lobito)*

180 — Caldelas — *(Foto do sr. Alfredo Barbosa — Amarante)*

183 — Os manos — *(Foto do sr. Guilherme Abranches Pinto — Santa Comba Dão)*

186 — «La Vallée, près Boulogne» — *(Foto do sr. José A. Santos — Boulogne-Mer)*

187 — Uma velhinha cosendo roupa — *(Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)*

190 — Arrriba — *(Foto do sr. Manuel Alves Sereno Coimbra)*

193 — Claustro dos Jerónimos — *(Foto do sr. João Rosa — Lisboa)*

188 — Aos pés da cruz — *(Foto do sr. António Dias — Covilhã)*

191 — Alegria do mar — *(Foto do sr. José Tomaz da Silva — Lisboa)*

194 — Uma expressão do Zé Dias — *(Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)*

189 — Bons amigos . . . — *(Foto do sr. Edgard dos Santos — S. Pedro do Sul)*

192 — Fragmento dum friso de pescadores (Caparica) — *(Foto da sr.ª D. Marimélia Ribeiro da Fonseca — Lisboa)*

Aos concorrentes:

Terminou ontem, 31 de Maio, como dissémos, o prazo para a entrega das provas fotográficas. Temos em nosso poder cêrca de mil fotografias que serão publicadas até Dezembro. O sorteio para os prémios far-se há, como já se anunciou, pela lotaria do Natal.

Entre êles destaca-se um esplêndido **Cine-Kodak,** *oferta da afamada* **Casa Kodak** *que será o 1.º prémio de Originalidade e Perfeição.*

Haverá ainda um 1.º prémio, chamado **Prémio da Sorte,** *para a fotografia cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.*

VIDA ELEGANTE

CASAMENTO DA SR.ª D. MARIA HELENA SOUSA DE VASCONCELOS E HORTA, COM O SR. DR. RICARDO CORREIA DE MELO, REALIZADO NA PAROQUIAL DO CORAÇÃO DE JESUS. OS NOIVOS SAINDO DA IGREJA

Casamentos

Com grande brilhantismo realizou se na paroquial de S. José, ao Largo da Anunciada, o casamento da sr.ª D. Filipe Henriques de Lancastre (Alcaçovas), gentil filha dos srs. Condes das Alcaçovas, com o sr. Conde de Campo Belo (D. Henrique), filho dos srs. Condes de Campo Belo.

Foram madrinhas as sr.as D. Maria de Lancastre Van-Zeller e D. Maria Henriques de Lancastre de Almeida Garrett, respectivamente tia paterna e irmã da noiva, e padrinhos o pai e o primo do noivo, sr. João de Paiva Faria Leite Brandão.

Celebrou o acto religioso Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Beja, D. José Patrício Dias, que antes da missa fêz uma brilhante alocução.

O ilustre prelado foi acolitado durante a cerimónia pelo prior da freguezia e pelo seu secretário. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

As «lavandas» serviram os srs. Conde de Campo Belo, Conde das Alcaçovas e e João de Paiva Faria Leite Brandão.

Findo o acto religioso, durante o qual foram executados no côro, por uma orquestra, vários trechos de música sacra, foi servido no palácio dos pais da noiva, à rua Eugénio dos Santos, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o seu solar em Vila Nova de Gaia, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na capela do palacete do sr. Conde de Penalva de Alva, realizou-se no dia 8 do corrente, o casamento de sua gentil filha, D. Maria da Piedade, com o sr. dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, filho da sr.ª D. Monica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e do sr. dr. Fernando de Almeida e Vasconcelos.

— Na paroquial de S. Jorge, em Arroios, realizou-se o casamento da sr.ª D. Antónia Dias da Silva David, interessante filha da sr.ª D. Maria Amélia Dias da Silva David, e do sr. dr. António Henriques David, com o sr. dr. Abel de Moura Pinheiro, filho da sr.ª D. Maria Henriques Pinheiro e do sr. dr. João de Moura Pinheiro.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Alda Maria Dias da Silva, e a mãi do noivo, e de padrinhos o tio da noiva, sr. Alfredo de Oliveira Pires e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo reverendo Pio, que no fim da missa fêz uma brilhante alocução, foi servido na residência do tio e padrinho da noiva, sr. Alfredo de Oliveira Pires, à Estefânia, um finíssimo lanche da «Versailles», partindo os noivos depois para o norte do país, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.ª D. Marion de Brito e Abreu Craw, gentil filha da sr.ª D. Atanazie de Brito e Abreu Craw e do sr. William Craw, com seu primo o distinto tenente-médico sr. dr. Sebastião de Brito e Abreu, filho da sr.ª D. Maria do Patrocinio Lopes de Brito e Abreu e do sr. Sebastião de Brito e Abreu, já falecidos.

A cerimónia deverá realizar-se no próximo dia 16.

— Realizou-se na paroquial de Santa Izabel o casamento da sr.ª D. Maria Matilde Gomes Nunes Ribeiro, gentil filha da sr.ª D. Cândida Gomes Nunes Ribeiro e do sr. Comandante Nunes Ribeiro, com o distinto engenheiro sr. João Paulo Nazaré de Oliveira, filho da sr.ª D. Carolina Ismael Nazaré de Oliveira e do sr. Manuel Pereira de Oliveira, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Vieira da Silva, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

A SR.ª D. FILIPA HENRIQUES DE LANCASTRE (ALCAÇOVAS) E O SR. CONDE DE CAMPO BELO (D. HENRIQUE), À SAÍDA DA PAROQUIAL DE S. JOSÉ, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

OS NOIVOS, SR.ª D. MARIA MATILDE GOMES NUNES RIBEIRO E SR. ENGENHEIRO JOÃO PAULO NAZARÉ DE OLIVEIRA, À SAÍDA DA PAROQUIAL DE SANTA ISABEL, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO

— Na paroquial do Coração de Jesus, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Helena Sousa de Vasconcelos e Horta, interessante filha da sr.ª D. Hortense Pinto de Vasconcelos e Horta, com o sr. dr. Rogério Correia de Melo, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Costa Correia de Melo e do sr. dr. José Correia de Melo.

Foram madrinha a sr.ª D. Júlia Horta Montez e padrinhos o pai da noiva e os srs. Francisco Paula Leite Pinto, que se fêz representar por seu irmão o sr. dr. Luíz Filipe Leite Pinto e António Pereira Montez.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Gomes Freire, um finíssimo lanche.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

CASAMENTO DA SR.ª D. ANTÓNIA DIAS DA SILVA DAVID, COM O SR. DR. ABEL DE MOURA PINHEIRO, REALIZADO NA PAROQUIAL DE S. JORGE, EM ARROIOS

Vida Feminina

Muita gente ignora ainda o quê é a encantadora instituïção da Hora de Arte, que se deve ao altíssimo espírito da sr.ª D. Isabel de Ornelas que, entrèvada e sofrendo uma horrível doença, se preocupava com a educação e civilização do operariado. Eu conhecia, de nome, há muito, a existência desta obra de tão carinhoso humanitarismo, mas uma vida muito cheia de afazeres não me tinha nunca permitido a ida a uma das suas sessões. Há pouco, a convite da sua actual directora, a sr.ª D. Mariana Pimentel, um gentil e cultíssimo espírito de mulher, fui assistir à Hora de Arte e fiquei deliciosamente impressionada. Faz bem vêr que há senhoras, que se interessam por obras de subido espírito social e que sabem organizar programas tão completos e interessantes, a que prestam o seu concurso artistas de alto valor, e, onde o elemento feminino está muito bem representado. Eu vou dizer às minhas leitoras o que é, e, para quem é, a Hora de Arte. A Hora de Arte, é uma hora em que se ouve uma curta e interessante conferência, em que a melhor música nos encanta, e, em que se ouvem versos esplêndidos.

A Hora de Arte é dedicada aos operários de Lisboa, e, o espírito que preside a esta obra é o mais simpático possível, é o de cultivar a inteligência do povo e a de educar a sua sensibilidade pela arte e pela literatura. E é interessantíssimo vêr como os operários, que assìduamente freqüentam esta instituïção, correspondem com uma intuição artística, com uma compreensão absoluta, e, com uma correcção de maneiras, verdadeiramente fidalga, ao esfôrço da directora e das pessoas, que tão gentilmente se prestam com o concurso do seu talento, a desenvolver no sentido da perfeição, a educação do operariado de Lisboa. Aquele público de operários de humildes filhos do povo, de trabalhadores, pode servir de exemplo, ao público das «matinées» de cinema onde a mocidade estudiosa da capital oferece o mais triste espectáculo da falta de educação, de espírito e de correcção. Na Hora de Arte a que assisti impressionou-me a atitude de compreensiva atenção que os operários prestaram à interessante e instrutiva palestra do dr. Hernâni Cidade, aos aplausos com que agradeceram os trechos de violino do sr. Garcia Freire sobretudo a Serenata de Schubert, que foi muito bem executada, e, os belos trechos cantados magistralmente pela sr.ª D. Arminda Correia. Mas a vibração com que foi acolhida a recitação de versos da sr.ª D. Virgínia Vitorino, que recitou com a mais perfeita distinção, versos seus, foi a prova da sensibilidade artística do povo, que soube compreender êsses versos, onde há forma, idéia e pensamento. Os aplausos com que foram sublinhados os mais belos trechos executados pela grande pianista, que é Madame Revenyk, demonstraram, claramente, o eco que a boa música, encontra na alma popular. Realiza-se esta Hora de Arte, no Asilo de Cegos Feliciano de Castilho, essa simpática obra que proporciona uma vida interessante, aos desgraçados, que sofrem, a mais triste das sortes, o não vêr, o que há de belo no mundo. Tenho a certeza que a maioria das minhas leitoras, que muitas vezes saem, sem ter para onde ir, terão o maior prazer em saber que das seis às sete têm onde passar uma hora de deliciosa arte, quando se realiza a Hora de Arte, e, que freqüentando-a ,contribuem para a manutenção de uma das mais belas instituïções do país, e, por seus olhos verão, a comunhão do povo e da élite, na vibração e sensibilidade, com que a comoção de arte é sentida. É uma obra que interessa a tôdas as mulheres e que por uma mulher é dirigida.

Maria de Eça.

Orquideas

É a orquídea de uma beleza extraordinária, uma das flores, que mais variados aspectos toma, e que mais satisfação dá, aos seus cultivadores, e, coleccionadores. A maior e mais rara colecção de orquídeas gigantescas, pertence a «Miss» Jane Cossach, de Los Angeles, Califórnia, filha de um milionário. «Miss» Jane dedica-se à cultura da bizarra flor com um verdadeiro entusiasmo, e, possui alguns exemplares raríssimos, que valem muitos dólares. É uma distracção muito interessante e poética, para uma menina, mas bastante dispendiosa, porque para possuir um exemplar de valor gasta-se muito dinheiro. É uma encantadora distracção para a filha de um milionário; para quem os dólares não contam absolutamente nada, e, que pode dispender sem contar, com as suas fantasias e entretenimentos. «Miss» Jane, é também uma linda rapariga, que gosta de se enfeitar, às vezes, com uma das suas preciosas orquídeas.

Modas

Estamos na época dos casamentos, e, é quando mais belas são as festas do casamento. Lá fora quando há um casamento elegante prepara-se à noiva um ambiente de elegância, e distinção, de forma que a sua beleza encontre fundo, que a complete, e, que mais a faça realçar. Damos hoje um grupo de uma elegante noiva parisiense Mademoiselle S. de B. rodeada das suas *demoiselles d'honneur*. O trajo da noiva, de uma simplicidade elegantíssima é realçado por muito *tulle* branco que torna a *toilette* muito vaporosa e faz em volta da noiva como que uma nuvem de ilusão. As meninas que a companham vestidas em setim branco e com umas graciosas touquinhas em renda branca, completam maravilhosamente e com a maior graciosidade o quadro, em que a beleza da noiva resplandece num meio *chic* e simples como deve ser o de uma noiva de bom gôsto e requintada.

Para viagem e para a rua continuam a usar-se os casacos e os vestidos em diagonal de um tão interessante efeito e de um uso tão prático. Damos hoje um lindo modêlo de vestido e casaco, que é muito gracioso, tem o casaco uma novidade, que o torna interessante, e, é uma passadeira na gola onde gira prêsa a *écharpe* que acompanha a *toilette* o que é de um óptimo gôsto e muito cómodo porque evita o incómodo de levar a *écharpe* na mão quando se não quere usá-la enrolada ao pescoço. Completa esta bonita *toilette* de viagem ou passeio , um gracioso chapelinho de fêltro que é lindo e cómodo pela sua simplicidade. Estas *toilettes* são sempre moda, e, de grande utilidade. São elegantes, têm *chic* e uma senhora assim vestida está bem em tôda a parte, do momento que se não trate de uma cerimónia.

O último modêlo tem novidade e graça, trata-se de uma saia em pano castanho, uma blusa em sêda beije e um pequeno casaco numa fazenda de fantasia beije e castanha. Guarnece o casaco um lindo cinto em couro ou camurça, castanho. O *canotier* em palha grossa castanha, que acompanha a *toilette* é muito bonito e de um belo efeito num rosto jóvem e belo.

Não é recomendável êste figurino a tôdas as senhoras. Uma senhora forte em demasia deve evitar usá-la porque engrossa bastante.

É um género de vestir, que fica bem às raparigas muito novas e delgadas. Tem êste modêlo a vantagem de ser aproveitável para as senhoras, que tenham um antigo casaco de agasalho, que tivesse ficado curto, mas em bom estado, e, que assim, é aproveitado, fazendo um elegante *tailleur*.

De mulher para mulher

Mãi extremosa — Não concordo com a sua opinião, o vestido de primeira comunhão para a sua filhinha deve ser em organdi, ou cambraia. É efectivamente um dia que marca na vida da criança, mas um dia em que o seu espírito se deve elevar em sentimentos espirituais e não em vaidades exteriores. E creio mesmo, caso ela faça a 1.ª comunhão em conjunto com outras crianças, que não admitem vestidos de sêda.

Encantadora — Essa é a melhor qualidade que se pode ter. Poucas pessoas se podem gabar de ser encantadoras. Enquanto aos seus sapatos devem ser pretos ou castanhos escuros. O azul da moda é uma côr muito berrante e sapatos nessa côr são de um gôsto muito duvidoso.

Maria J. — Fêz muito bem, era mesmo o único caminho a seguir. Não se arrependa. O chapéu deve ser preto, em palha *tagal*.

Simplista — Acho que simplifica demasiado há casos, como êsse, que é bom pensar antes de os resolver. Faça êsse vestido em *toile de soie* rosa ou lilaz com cinto branco. Na praia ficam muito bem.

A Marquesa de Alorna

D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, 4.ª marquesa de Alorna, condessa de Assumar e de Oyenhausen — em literatura — Aleipe, — viveu nos últimos anos do século XVIII e na primeira metade do século XIX. Apesar da sua agitada vida, tão cheia de infortúnios, Aleipe chegou aos noventa anos. Os seus primeiros anos foram enegrecidos, com a prisão de seu pai D. João de Almeida, encerrado por política, nos lúgubres cárceres da Junqueira, perseguido pelo Marquês de Pombal, na trágica luta, entre o Marquês e a aristocracia. Tôda a sua família (sua mãi era uma Távora) sofria o ódio do primeiro ministro. Fechada no convento até aos 18 anos, casou com o conde de Oyenhausen, Hanoveriano que veio para Portugal com o conde reinante de Schaumburg-Lippe, seu primo co-irmão. Com seu marido freqüentou a côrte feliz de Carlos III, os salões das Tulherias onde contemplou o periclitante trôno de Luís XVI e as salas de Madame Necker, onde encontrou pela primeira vez a futura baronesa de Staël. Levada para a côrte de Maria Teresa de Áustria, então uma das mais brilhantes da Europa, a jóvem senhora, a todos conquistou pelo encanto da sua pessoa e pelo seu talento. Mãi de seis crianças, ficou viuva muito nova ainda, e, com poucos meios de fortuna, retirou-se para a sua quinta de Almeirim, onde criou uma escola, para as raparigas do campo, e, escreveu em verso trechos da História de Portugal, para as suas filhas lerem. Quando regressou a Lisboa era ouvida com respeito pela mocidade intelectual. Em 1820 perdeu seu único filho varão, o conde João Ulrico de Oyenhausen, morto

em plena mocidade e viveu ela ainda, 17 anos de saüdade. E bem merecem êsses anos o desafio que ela lnaçou ao tempo, na seguinte quadra, refrindo-se ao dia dos seus anos:

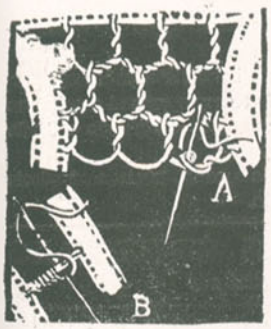
Dia cruel, no qual ao bem resiste
A memória de uns anos desgraçados,
Ou brilha vencedor de injustos fados,
Ou não tornes a vir como hoje triste...

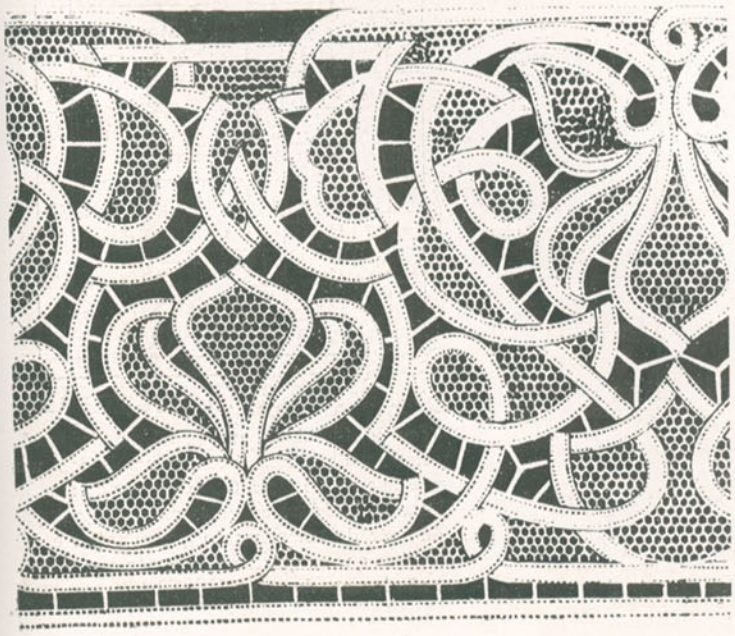
As obras poéticas da Marquesa de Alorna são em seis volumes e é admirável a sua fertilidade.

Nos seus versos há um certo amaneirado e frieza, que eram muito da época. Traduziu várias obras poéticas, entre elas, os seis primeiros cantos do *Oberon*, de Vieland. O que não há dúvida é que a sua figura, é uma das mais interessantes daquela época, pelo seu talento, pela sua formosura, e, pelo romanesco da sua vida, que desde a infância a nimbou de uma auréola.

Higiene e beleza

Um dos flagelos da cabeleira feminina é a seborreia gôrda. Começa a testa a mostrar-se luzidia e os cabelos a tomarem um aspecto engordurado e feio e a caír abundantemente, tornando-se muito mais pronunciada essa queda no verão. É preciso começar imediatamente a tratar essa doença, porque se, se deixa avançar, em pouco tempo, vem a alopecia, e, nada mais triste e desagradável paar uma mulher, do que perder o mais belo ornamento da sua beleza: uma bela cabeleira. O tratamento a fazer é o seguinte: primeiro lavar a cabeça todos os oito dias e quando a queda do cabelo diminuir, de quinze em quinze dias com sabonete Panamá e bálsamo do Perú, é um sabonete medicinal que se vende em tôdas as farmácias, e, aplicar tôdas as noites e manhãs a seguinte loção: formol, 1 grama; tintura de quilaya, 25 gramas; tintura de jaborandi, 25 gramas; alcoolato de alfazema, 25 gramas; álcool a 90°, 200 gramas. Temos a certeza que seguindo à risca êste tratamento o cabelo deixa de caír e readquire a sua primitiva beleza.





Um mistério

Em 1923 com a idade de 91 anos morreu em Senlis, uma mulher misteriosa, que se fazia passar por viuva do conde de La Bonniere, mas só depois da sua morte, se soube a sua história, que é muito interessante. Em 1848 a jóvem Eugénia, de 16 anos, veio para Senlis com um casal alemão de apelido Fritsch, e a menina passava por filha dêles. Pela sua graça, pela sua beleza, pelo talento com que recitava versos, foi admitida na melhor sociedade de Senlis. Parecia envolta num certo mistério e a gente bem informada, pretendia tê-la encontrado nas Tulherias, afirmando também, que Napoleão III se interessava muito por ela. Quando rebentou a guerra de 1870 os Fritsch tiveram de abandonar a França e voltar para a sua pátria.

Eugénia não os seguiu dizendo que não eram os seus pais, e, que ignorava a que família pertencia. Teve em Paris uma vida aventurosa. Freqüentava a melhor sociedade e na rua de Balzac tinha o seu salão, onde, rodeada de senhoras nobres, recebia com distinção salientando-se na maneira como recitava. Quando se falava na sua origem diziam-na muito alta e legítima. O seu passaporte dizia que era nascida em Viena de Áustria, filha de pais franceses. Numa vida de luxo, gastou tudo o que o marido, o conde de La Bonnière, lhe deixou. Caiu na miséria e enlouqueceu. Foi internada em Vermon. Quando um parente dos Fritsch soube a sorte da bela Eugénia, indignou-se: «Como o govêrno francês não tem atenções para essa senhora? Não lhe dá uma pensão? Não sabe que ela é filha do Duque Reichstadt, do rei de Roma, filho de Napoleão Bonaparte e descendente dos czares austríacos?» Isto passava-se em 1914. Nos fins de Agôsto Senlis, foi invadida pelos alemães, que incendiaram a cidade, e, desapareceram os papéis da desconhecida.

Algum tempo depois da morte da velha senhora, uma agência de heranças recebeu o encargo de descobrir os herdeiros de M.me La Bonnière, enviou a Viena um dos seus mais hábeis agentes, que trouxe apenas a certeza, que se tratava de uma filha, do pobre *Aiglon*.

Trabalhos femininos

A moda nos trabalhos é como a moda no vestir, varia sempre. Volta a ser moda, a renda inglesa que durante bastante tempo sofreu o ostracismo, deixando de se fazer e de guarnecer, roupas e vestidos.

Damos hoje um lindo modêlo de guarnição, que se pode fazer com *lacet* ou com uma renda estreitinha, que substitui o *lacet*, o que é muito mais elegante e moderno. A maneira de fazer êste trabalho é a seguinte: Passa-se o desenho para papel tela do tamanho da guarnição, que se deseja fazer. Cose-se a rendinha dando tôdas as voltas, que o desenho indica em seguida rematam-se cosendo a ponto imperceptível tôdas as voltas e cantos e nos sítios em que fôr necessário passa-se um franzido que remate bem tôdas as voltas. Depois começa-se a fazer o ponto. Antigamente na renda inglesa empregava-se uma grande variedade de pontos, agora já assim não é usa-se apenas o ponto a que as rendeiras de Bruxelas, chamam o ponto de tule, e, que faz o fundo das suas rendas, e compreende-se que assim seja, porque usando as rendinhas em vez do *lacet* o fundo deve ser uniforme para fazer sobressair a renda. Dêsse ponto, que deve ser feito com linha própria para a renda, da mais fina, damos o desenho de como deve ser feito, para o tornar mais compreensívelà às nossas leitoras. Esta renda é útil em tudo, mas torna rica a roupa de sêda, que com ela é guarnecida, porque é uma renda, que tem o subido valor de ser feita à mão, e, tem a vantagem de ficar económica e de não ser na realidade muito aborrecida de fazer e executar-se ràpidamente.

Pensamentos

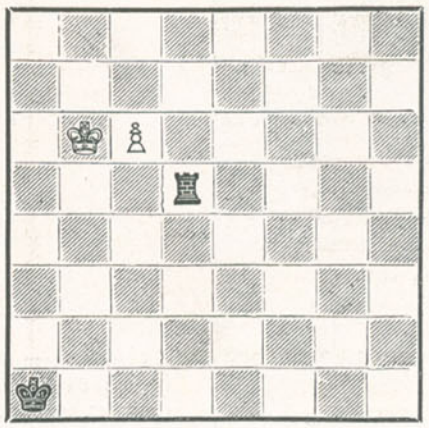
Nem sempre é bom estar em evidência.

O homem nem sempre sabe o que pede.

La Fontaine.

XADREZ

PRETAS



BRANCAS

Esta posição de final de jôgo, simples como parece, apresenta, no entanto, possibilidades devéras surpreendentes. A continuação óbvia é a seguinte:

1. — P 7 B D
T 3 D ch.
2. — R 5 C D
T 4 D ch.
3. — R 4 C D
T 5 D ch.
4. — R 3 C D
T 6 D ch.
5. — R 2 B D

As Pretas jogavam agora T 5 D.

Se as Brancas fazem Dama com o Peão, as Pretas jogam T 5 B D (ch) obrigando as brancas a jogar D torna T (pate).

Poderão achar uma forma de jôgo para as Brancas que as habilitem a deixar de empatar?

PORQUE SE JULGA DE MAU AGOIRO, ABRIR UMA SOMBRINHA DENTRO DE CASA?

Esta superstição, vem do Oriente, onde a sombrinha é considerada uma *mascotte* poderosa, além de ser um dos emblemas de Buddha. Também desde os tempos mais remotos, o docel do Estado — a que a sombrinha se assemelha — tem sido parte da insígnia da realeza e o símbolo do poder. Era um símbolo zelosamente guardado; e qualquer pessoa que levantasse um docel em sua casa — mesmo na forma mais humilde como a de uma sombrinha aberta — não só era responsavel de ofender a Buddha, mas também chamada a prestar contas, e com infelizes resultados, por aqueles que tinham direito sagrado a um docel.

FIM DE FESTA

ANEDOTAS

— E quais foram as disposições do testamento de seu tio?

— Que eu ficava herdeiro do remanescente depois do pagamento das suas dívidas.

— Está bem, está bem. Era um bom homem e muito seu amigo. E afinal, o que deixou êle, ao todo?

— Dívidas!

Eduardo: — Que foi feito daquela dama, que tu dizias ser a luz da tua vida?

Abílio: — Houve um intruso, que se meteu entre mim e a luz. Fiquei na sombra.

Entre críticos e artistas:

O actor: — Que lhe pareceu a cena da minha morte, no quarto acto?

O crítico: — Magnífica! O que é pena é não ter sido no primeiro!

A mãi: — Ainda ontem levaste com a chibata, e já hoje tornaste a fazer as mesmas maldades!

O filho: — Isso o que prova, é que a chibata me não faz bem nenhum!

Entre amigas íntimas:

— Não sei como te agrada êsse rapaz, Laura, É tão gastador!

— Mas que me importa a mim que o seja; se gasta quási tudo comigo?

No *guichet* duma recebedoria do Estado:

Um contribuinte, ao empregado, que está absorto na leitura dum jornal:

— O senhor faz favor...

O empregado, decidindo-se a levantar os olhos:

— O senhor tem pouca paciência... Parece-me que, se tivesse outras pessoas adiante, não teria outro remédio senão esperar!...

Ele: — Eu faço-te vêr os defeitos que tens, porque te quero muito.

Ela: — Que disparate! se me quisesses muito, como dizes, os meus defeitos pareciam-te perfeições.

Um dia preguntaram a um cidadão já fora da juventude:

— Porque é que você tem o cabelo branco e a barba preta?

— É porque o cabelo nasceu 20 anos antes da barba!

GRAÇA ALHEIA

ELA: — HÁ QUANTO TEMPO O NÃO VIA! DESDE A PÁSCOA, NÃN É VERDADE?

ELE: — EFECTIVAMENTE — DESDE QUE V. EX.ª ANDAVA AINDA DE VESTIDOS CURTOS!

BRIDGE

(Solução)

O que mais convém a B é saír pelo Valete de espadas. D póde deixar a vasa para C ou cobrir com o Rei. Quer num quer noutro caso A terá a mão e fará o Valete de copas e o 10 de espadas.

Começar pela carta baixa de espadas comprometeria o jôgo se D tomasse para si a primeira vasa. Neste caso nunca A seria mão e B não faria mais que três vasas.

A saída pelo Az de espadas tambem não daria o resultado desejado.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	C	A	V	A		A	L	E	A	
R		R	I	R		B	E	M		R
I	R		R	O	S	E	A		M	I
B	I	S		S	A	L		F	E	S
A	R	A	L		U		C	A	L	O
		L	I		D		A	L		
B	A	T	A		A		I	S	C	A
A	T	O		O	D	E		A	O	S
F	É		V	I	E	L	A		A	I
O		S	E	R		O	L	É		A
	T	I	R	O		S	A	M	O	

TRANSFORMAÇÃO DE LETRAS

Tem-se desenhado num papel um simples **L** e trata-se de mudar êste **L** num **N** com um traço apenas de lápis. O **N** deve sêr da mesma altura do **L** e ficar a direito, mas o traço é que póde sêr do comprimento que se quizer e dar as voltas que se quizerem, contanto que o lápis se não levante do papel.

Não tem dificuldade nenhuma, quando se sabe o que há a fazer.

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. . . . . 10$00 / encadernado . . . . . 14$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

—**Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado **10$00**

Encadernado **14$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO **Esc. 7$00**

P. B.

VOLUME ENCADERNADO **Esc. 12$00**

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Raínha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10$00
encadernado » 14$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DICIONÁRIO
DO
Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . . . 7$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saüdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da visinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reünir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cêrca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reünidos pelo sr. *Dr. Cândido de Figueiredo* no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge *119.613 vocábulos ou artigos.*

2 grossos vol. sòlidamente enc. em carneira 250$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12$00** / encadernado . **16$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notaveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **1o$oo**
encadernado . **14$oo**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. **3$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **1o$oo**
encadernado . **14$oo**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.... 15$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br.... 9$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13$00; br.... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13$00; br.... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br.... 10$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br.... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br.... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. 3$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.... 2$00
REI LEAR — 2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br... 9$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. ..... Esc. 30$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Conselhos Práticos

MANEIRA DE EVITAR A QUEDA DAS PENAS NAS GALINHAS

Para que as galinhas não percam as penas devem ser alimentadas com nabos frescos uma vez por semana, pelo menos. Outro bom processo é o de fazê-las beber um pouco de óleo de rícino, de quinze em quinze dias.

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª
Editor: Francisco Amaro
Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. . .	30$00	60$00	120$00
(Registada).	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada).	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	63$00	126$00
(Registada).	—	67$50	135$00
Brasil.	—	66$00	132$00
(Registada).	—	75$00	150$00
Outros países.	—	75$00	150$00
(Registada).	—	84$00	168$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig*, *Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À
Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

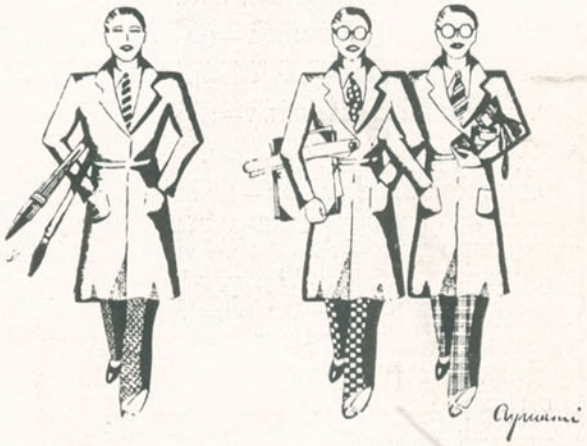
INTERESSANTISSO LIVRO DO POPULAR
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308
BERTRAND IRMÃOS, L.DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS

DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

art. 40$00; br. . . . . 30$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

BOLACHAS

Variadas e saborosissimas qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando em sua casa um

GENERAL ELECTRIC

Refrigerator

A marca GENERAL ELECTRIC é a melhor garantia de boa qualidade d'um apparelho electrico

Os alimentos sempre em perfeito estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorifico simplificado

Uma simples tomada de corrente basta

O Refrigerator automaticamente fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.da

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º – LISBOA – Telef. 2 5347

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18